

1ªs. Jornadas Nacionais



ProSepe
Floresta Viva

Auditório da Reitoria
Universidade de Coimbra

ACTAS



ACTAS

Propriedade e Edição

Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais
NICIF – PROSEPE – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Avenida Bissaya Barreto, 58, r/c
3000 Coimbra – Tel. (039) 484680 – Telefax (039) 484378

Direcção Editorial

Luciano Fernandes Lourenço

Concepção Gráfica

Victor Hugo Fernandes

Processamento de Texto

Susana Alexandra

Capa

Victor Hugo Fernandes

Impressão e Acabamento

G.C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

Depósito Legal

117546/97

ISBN

972-8330-07-3

Tiragem

1000 exemplares

© Luciano Fernandes Lourenço
Novembro de 1997.

NOTA de abertura

Prof. Doutor Luciano Lourenço

A realização das Primeiras Jornadas Nacionais do Prosepe dão início a uma nova fase da vida deste projecto, imprimindo-lhes uma dimensão que pretendemos seja nacional.

Esta nova dinâmica também se faz em termos editoriais, razão pela qual as Actas correspondentes a estas Jornadas foram publicadas de modo a nelas poderem ser distribuídas.

Por este motivo não foi possível reunir atempadamente a totalidade das comunicações, pelo que aquelas que se encontram em falta serão publicadas na próxima edição, apresentando-se agora apenas o respectivo resumo.

Deste modo, os participantes ficam na posse de material que, desde já, podem usar na sensibilização dos seus alunos.

Certos de que estas Jornadas, atendendo ao número de participantes inscritos, reflectem a necessidade, por muitos sentida, de também eles próprios poderem contribuir para alterar, o que está menos bem, em termos de fruição e de ordenamento dos espaços florestais, actuando directamente sobre potenciais utilizadores e futuros donos desses espaços, no sentido de os informar, correcta e convenientemente, de como, onde e porquê actuar, a fim de, paulatinamente e em conjunto, todos contribuirmos para a tão propalada e ansiada "mudança de mentalidades", mas que muito poucos parecem efectivamente empenhados em concretizar.

Temos conseguido concatenar esforços, reunir sinergias, em proveito da reabilitação da floresta, nas suas múltiplas facetas, cultural, económica, ambiental... de que estas Actas dão testemunho.

Não tenhamos medo nem vergonha de sermos ousados, de marcarmos a diferença.

Se continuarmos a trilhar o caminho que temos vindo a seguir, cada um desempenhando o seu papel, se mantivermos este rumo certo, poderemos contribuir decisivamente para mudar a paisagem dos espaços florestais portugueses.

COMISSÃO EXECUTIVA

Presidente

Prof. Doutor Luciano Lourenço

Vice-Presidente

Dr^a. Maria da Graça Lourenço

Secretários

Dr^a. Paula Pinto

Dr. Paulo Nossa

Secretariado

Anabela Dias

Ana Paula Cardoso

Graça Oliveira

Paulo Rocha

Susana Alexandre

Vasco Luís

SECRETARIADO

NICIF • Universidade de Coimbra
Avenida Bissaya Barreto, 58. r/c
3000 Coimbra

Tel. (039) 484680 / 483523

Fax (039) 484378

Dia 3 de Novembro (Segunda-feira)

09:00 • Entrega de Documentação.

10:00 • Sessão de Abertura presidida por S. Ex.^a, o Senhor Secretário de Estado da Administração Interna, com lançamento do CD • *30m da floresta*.

10:30 • Pausa para café.

11:00 • *Tema I*
Utilização Multifuncional dos Espaços Florestais.

Moderador:

Eng.^o. Maia e Costa – Coordenador da Comissão Nacional Especializada de Fogos Florestais.

Prellectores:

- Eng.^o. Amândio Torres – "**Uso Múltiplo da Floresta**" • Direcção-Geral das Florestas.
 - Eng.^o. Armando Fialho – "**O Papel da Celpa na Sensibilização das Populações Escolares**" • CELPA.
 - Arquitecto Carlos Alberto de Oliveira Guerra – "**Integração económica e social dos espaços de montanha**" • Parque Natural da Serra de Montesinho.
 - Prof. Doutor Jorge Paiva – "**Espaço Florestal e Biodiversidade**" • Instituto Botânico, Universidade de Coimbra.
- Debate

13:00 • Almoço

14:00 • *Tema II*

Dinâmica Pedagógica dos Clubes da Floresta

Moderador:

Júlio Henriques – Presidente do Serviço Nacional de Bombeiros.

Prelectores:

- Prof. Doutor Carlos Fernandes da Silva – ***“Será que os anjos têm sexo? Da hipocrisia à pragmática”*** • Universidade do Minho.
 - Dr. António dos Santos Queirós – ***“A formação de professores para as novas áreas curriculares. O papel dos Clubes Ambientais – Clubes da Floresta”*** • Centro de Formação de Professores, CEFOP - Conímbriga.
 - Dr^a. Adelaide Espiga – ***“Os Clubes da Floresta e a Educação Ambiental”*** • Instituto de Promoção Ambiental (IPAMB).
 - Prof. Doutor Walter Gomes – ***“Ambiente florestal numa perspectiva educativa”*** • Centro de Educação Ambiental de Matosinhos.
 - Prof. Doutor Luciano Lourenço – ***“Prosepe. Os desafios do virar do milénio”*** • Instituto de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Debate.

16:15 • Pausa para café.

16:30 • Tema III

Experiências Pedagógicas dos Clubes da Floresta.

Moderador:

Dr. Linhares de Castro – Coordenador do Centro de Área Educativa de Coimbra.

Prelectores:

- Dr. Francisco José Lopes – ***“Os Clubes da Floresta no contexto educativo”*** • Subdelegado da Comissão Nacional Especializada de Fogos Florestais.
- Dr^a. Maria José Bastos – ***“Circuito Geo-botânico da Serra da Boa Viagem”*** • EB 2/3 Buarcos – Figueira da Foz.
- Dr. Simão Luís P. Velez – ***“O contributo de cada indivíduo na preservação da floresta”*** • Escola Garcia D’Orta – Castelo de Vide.
- Dr. Rui Canedo – ***“Nordeste em prevenção, futuro garantido”*** • Escola C+S de Alfândega da Fé.
- Dr^a. Estela Belo Morgado – ***“Floresta-Espaço de Aprendizagem”*** • Escola B.I. 1,2,3 de Santa Catarina. Debate.

18:30 • Reuniões Distritais.

19:30 • Noite Social (D. Dinis) – jantar convívio.

Dia 4 de Novembro (Terça-feira)

09:00 • *Tema IV*

Uso Didáctico-Pedagógico dos Espaços Florestais.

Moderador:

- Eng.º Mário Mendes – Director Regional de Agricultura da Beira Litoral.

Prelectores:

- Eng.º Lino José Q. Nossa – “***Quem trilha por gosto não cansa!***” • Delegação de Coimbra do Instituto de Conservação da Natureza.
 - Eng.ª Alda Vieira – “***A importância do binómio água-floresta***” • Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral.
 - Dr. António Morais – “***O uso didáctico-pedagógico dos espaços florestais***” • Serviço Nacional de Protecção Civil.
 - Drs. Mário Oliveira, António Martins e Luciano Lourenço – “***Uma Escola, um Rio, uma Árvore***” • Direcção Regional de Ambiente do Centro e Universidade de Coimbra.
- Debate.

11:00 • Pausa para café.

11:30 • Tema V

Experiências Pedagógicas dos Clubes da Floresta.

Moderador:

Dr. António Morais – Serviço Nacional de Protecção Civil, Delegação de Leiria.

Prelectores:

- Dr^a. Célia Afra – ***“Uma pincelada de verde na Escola”*** • Escola Secundária de Porto de Mós.
- Dr^{as}. Maria de Fátima Cruz, Palmira Pimentel e Silvia Portugal – ***“O corvo em movimento”*** • Esc. Bás. 2,3 de Penacova.
- Eng^a. Paula Maria de Lemos Bessa – ***“Experiência Pedagógica do Clube da Floresta da Escola Profissional Agrícola de Fermil de Basto”*** • Escola Profissional de Fermil de Basto.
- Dr^{as}. Maria Clara Rodrigues e Noémia Fernandes – ***“Prosepe ano I - Relato do Primeiro ano de Participação”*** • Escola Secundária de Ílhavo.
Debate.

13:00 • Almoço

14:00 • Tema VI

Utilização Turística dos Espaços Florestais.

Moderador:

Prof. Doutor Lúcio Cunha – Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Prelectores:

- Prof. Doutor Fernando Rebelo – **"Floresta e Turismo. Alguns exemplos portugueses de matas com interesse turístico particularmente no centro de Portugal"** • Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
 - Pres. Jaime Soares e Dr^a. Madalena Carrito – **"A importância da floresta no desenvolvimento turístico regional"** • Câmara Municipal e Escola C+S de Poiares.
 - Dr. Werner Ebert – **"Multifunctional forest management of a German urban forest"** • Forstamt – Frankfurt Main.
 - Prof. Doutora Fernanda Cravidão – **"A Floresta, o Turismo e o Cidadão"** • Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Debate.

16:00 • Pausa para café.

16:30 • Sessão de Encerramento presidida por S. Ex^a. o Senhor Secretário de Estado dos Recursos Naturais, com entrega das Mochilas Prosepe • Floresta Viva.

comunicações

Prof. Doutor Carlos Fernandes da Silva

Será que os anjos têm sexo? Da hipocrisia à pragmática.

• Psicólogo Clínico, Professor Associado do Departamento de Psicologia da Universidade do Minho

1 – Introdução

Pode parecer um absurdo que um psicólogo clínico possa emitir opiniões sobre questões de natureza educativa. Só que não existe essa “coisa” chamada *psicologia clínica*, o que existe é uma *clínica psicológica*, tal como existe uma clínica médica. É uma questão de método, a saber, o *método clínico* que, pelo menos do ponto de vista epistemológico, implica “inclinarmo-nos para escutar, para observar”. Enquanto método é usado em contextos educacionais (clínica psicológica em educação), em contextos empresariais e em contextos de saúde e doença, seja mental ou física.

Todo e qualquer psicólogo que se preze deverá conhecer e ter tido treino em métodos clínicos, métodos experimentais e métodos de observação de campo. Partindo da aplicação destas metodologias constroem-se conceitos e teorias que têm de ser falsificáveis. De outro modo não passarão de colecções anedóticas de dados ou, pior ainda, de impressões, opiniões e preconceitos.

Como psicólogo, recorri frequentemente ao método clínico em contextos educacionais, actuando junto de “alunos problemáticos”, de turmas inteiras e de docentes (acções de formação e protocolos de intervenção-prevenção).

É dessa experiência, indissociável da experiência parental, que em conjugação com os dados da experimentação e observações de campos resulta a presente reflexão sobre a importância de regras de conduta no desenvolvimento humano e no processo educativo.

2 – Desenvolvimento de regras e “regras” de desenvolvimento

A despeito da originalidade que caracteriza os conteúdos narrativos e conceptuais de cada indivíduo (a individualidade é inexoravelmente

diversidade e originalidade... os estudos com gêmeos homozigóticos demonstram isso mesmo), por razões diversas, o desenvolvimento humano obedece a determinadas regras ou princípios.

Tal como acontece com as substâncias químicas e a tabela periódica de Mendeleiev, por trás da enorme diversidade de experiências humanas há um "punhado" de princípios ou regras que caracterizam o desenvolvimento humano.

Entre as diversas regras que presidem ao desenvolvimento humano, a "aprendizagem de regras" é uma das mais importantes.

Com efeito, as crianças têm de adquirir a habilidade (skill) de *auto-regulação*, condição *sine qua non* para desenvolver o sentido de autonomia e a possibilidade de *interacções sociais eficazes*. De outro modo, desenvolverão um "locus de controlo" externo, quer do tipo "chance" (C) quer do tipo "autoridade" (P). Funcionarão apenas em contextos de presença de autoridades ou simplesmente não funcionarão de modo eficaz... pelo menos no que diz respeito à *sociogénese*.

A auto-regulação tem de ser aprendida desde tenra idade, sob pena de se desenvolverem perturbações graves da personalidade e da conduta. Os pais e os educadores desempenham um papel fundamental.

A auto-regulação só se adquire se houver equilíbrio entre *reforços* e *punições*, assim como *modelos congruentes e eficazes*. Estes conceitos têm significações precisas no âmbito da psicologia experimental, são operacionais. Pena é que as mais recentes modas psicopedagógicas tenham abdicado destes conceitos e técnicas (anatematizando-as) em benefício de princípios (pseudo) filosóficos cientificamente não fundamentados nem fundamentáveis, como por exemplo, o modelo do "bon sauvage" (à Rousseau). O estado de degradação moral da nossa juventude e a diluição da autoridade do professor nas escolas (e demais instituições) é o resultado possível destas posturas.

Por *reforço* entende-se "*aumento da frequência ou intensidade de um comportamento (ou diminuição do tempo de latência, isto é, do tempo que decorre entre a entrada do indivíduo numa dada situação precisa e o início do comportamento que ocorre nessa situação) em função da consequência do mesmo*". Um reforço não é necessariamente algo de bom, agradável. Uma bofetada pode ser reforçadora. Reforço é o que se definiu acima e *depende de cada indivíduo (constituição biológica e história de vida) se determinada situação, actividade ou tarefa produz reforço*. Se no indivíduo X um sorriso de Y produz aumento da frequência de encontros sociais de X com Y, então o sorriso de Y é reforçado do comportamento de interacção social de X.

A *punição* define-se como "*diminuição da frequência ou intensidade de um comportamento (ou aumento do tempo de latência, isto é, do tempo que decorre entre a entrada do indivíduo numa dada situação precisa e o início do comportamento que ocorre nessa situação) em função da consequência do mesmo*" *"Punição"* não deve ser confundida com *"aversão"*.

Assim, se o sorriso de Y produz diminuição da frequência de encontros sociais de X com Y, então o sorriso de Y é punitivo em relação ao comportamento de interação social de X. Por conseguinte, ao contrário do senso comum, um sorriso pode ser punitivo e uma bofetada pode ser reforçadora.

Em suma, *é o que acontece ao comportamento que define se há reforço ou punição. O carácter reforçador ou punitivo de um acontecimento depende do que produz num determinado indivíduo.*

Se a consequência de um comportamento for a "*aplicação / obtenção de algo*", o reforço ou a punição denominam-se *positivas*, se for a "*remoção / perda de algo*" denominam-se *negativas*. Assim, por exemplo, se uma bofetada for reforçadora, dado que é uma aplicação designa-se reforço positivo, se produzir punição será punição positiva. Do mesmo modo, se um comportamento de cordialidade aumentar em função de os pais e educadores removerem contingentemente um castigo, teremos um reforço negativo.

O equilíbrio entre reforços e punições no processo educativo (doméstico e escolar) é imprescindível para o desenvolvimento da auto-regulação. Com efeito, por interiorização progressiva (Piaget), as crianças tornam-se capazes de se auto-reforçarem e de se autopunirem, aumentando desta forma a sua autonomia.

Contudo, as crianças e adolescentes não aprendem apenas através de contingências operantes (reforços e punições). Aprendem também mediante a observação de modelos (*modelamento*).

Um modelo é escolhido em função de alguns critérios, nomeadamente a sua autoeficácia observada ou relatada (princípio operante subjacente). Assim, os *modelos significativos* deverão ter o cuidado no sentido de assegurarem uma educação consistente e deverão revelar-se capazes de liderança (*hetero-regulação*). Desse modo, contribuem para a promoção da auto-regulação.

Em qualquer das modalidades de aprendizagem referidas (há outras) os contextos de interacção são fundamentais, são a matriz para o desenvolvimento eficaz. Constituem laboratórios interpessoais onde as crianças e adolescentes podem ensaiar competências sociais (jogos de estatuto e papel) onde a auto-regulação estará sempre presente.

3 – Vantagens dos “clubes”

Os clubes, como os dos amigos da floresta e afins, constituem exemplos desses contextos eficazes. Os clubes promovem a troca de experiência de auto-regulação e hetero-regulação, quer por modelamentos recíprocos quer por jogos tácitos de reforço e punição recíprocos.

A constituição de clubes, sobretudo porque implicam inexoravelmente a experiência de construção e adopção de regras, deveria ser uma modalidade educativa obrigatória. Mais importante que discutir o “sexo dos anjos” em educação, seria mais importante observar (clínica) os comportamentos das crianças e adolescentes em desenvolvimento e aliar os dados da observação aos factos experimentais.

Será que os anjos têm sexo? A preservação das florestas é mais importante!...

Dr. António dos Santos Queirós

A Formação de professores para as Novas Áreas Curriculares. O Papel dos Clubes Ambientais/ Clubes da Floresta

• Director pedagógico do Centro de Formação de Professores de Conimbriga - Cefop, Conimbriga.

A emergência da Reforma Educativa integrou nas actividades lectivas as Novas Áreas Curriculares - Área Escolar, Actividades de Complemento Curricular (Clubes), Formação Pessoal e Social.

O novo sistema de avaliação introduziu o conceito da transdisciplinaridade no estudo da língua portuguesa e possibilitou o ajustamento curricular e a diversificação programática, em conformidade aliás com a referência, quase esquecida na Lei de Bases, à regionalização do currículo.

Também os Relatórios Mundiais de Educação da UNESCO, nomeadamente os de 1991 e 1993, enfatizam o facto de que o progresso científico e tecnológico ocorre contemporaneamente na interface das disciplinas tradicionais e portanto na construção de novas áreas de conhecimento e investigação interdisciplinares.

As actividades da Área Escolar como espaço privilegiado do trabalho interdisciplinar, a participação voluntárias nos Clubes enquanto instrumento de apoio ao estudo autónomo e alargado e ao despertar da consciência social dos jovens, a importância da aprendizagem da língua portuguesa, conduzem-nos directamente à valorização do papel dos clubes ambientais, e, em particular ao estudo da floresta no seu âmbito, multiformes na designação que adoptam de clubes da natureza, do ar livre, de educação ambiental, de educação para a saúde, enfim, de clubes da floresta.

A contradição entre os programas extensos e o dispêndio de algumas semanas de aula dedicadas à Área Escolar, pode ser ultrapassada se os temas desta nova área curricular se articularem nos programas e ela servir afinal para tornar vivo e actualizado o seu estudo, enraizando-o na relação entre a teoria e a prática e na descoberta e interpretação interdisciplinar do território educativo da escola.

Território educativo que é sempre uma paisagem humanizada pelo trabalho, com uma história, um imaginário colectivo, valores ambientais e patrimoniais e uma matriz científica e pedagógica de dimensão universal, que importa descobrir e interpretar. Particularmente hoje em que a identidade dos povos e o bem estar dos indivíduos exigem um esforço quotidiano para distinguir o que é aprendizagem cultural daquilo que afinal é apenas consumo de massas alienado e para restabelecer o equilíbrio dinâmico entre o fluir sustentado da vida e o desenvolvimento da nossa civilização.

Igualmente não se pode aprender a língua sem estudar a cultura de um povo, e o seu registo encontra-se tanto na obra literária dos poetas e prosadores como nas marcas monumentais da paisagem, fruto do trabalho humano, que ergueu em paralelo muralhas e arrifes, igrejas e engenhos, magestosas *domus* e humildes muros e moroiços.

A floresta é o núcleo temático central de obras fundamentais da literatura portuguesa e atravessa longitudinalmente os escritos dos poetas e prosadores contemporâneos, sejam obras literárias ou ensaios de intervenção social.

Dissémos atrás que a aprendizagem transdisciplinar da Língua Portuguesa - hoje prioridade do M.E. tal como a História, nos conduz à revalorização da importância do estudo da floresta. Vejamos como e porquê.

Mas recordemos primeiro o documento base que a nível internacional reconheceu a necessidade da educação ambiental enquanto espinha dorsal da consciência cívica da nossa época e fundamentos da educação para a cidadania.

"...A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Humano", reunida em Estocolmo, de 5 a 16 de Junho de 1972, e atenta à necessidade da existência de um critério e de princípios comuns que ofereçam aos povos do mundo inspiração e guia para preservar e melhorar o meio humano.

Proclama que:

1. O homem é simultaneamente obra e artífice do meio que o rodeia, que lhe assegura o sustento material e lhe oferece a oportunidade de se desenvolver intelectual, moral, social e espiritualmente. Na longa e laboriosa evolução da raça humana neste Planeta chegou-se a uma etapa em que, graças à rápida aceleração da ciência e da tecnologia, o homem adquiriu o poder de transformar, de inúmeras maneiras e numa escala sem precedentes, tudo quanto o rodeia. Os dois elementos do meio humano, o natural e o que ele próprio criou, são essenciais ao bem-estar do homem e à plena fruição dos seus direitos fundamentais, incluindo o direito à própria vida..."⁽¹⁾

⁽¹⁾ Texto editado pela C.N.A., Lisboa, 1968.

Como respondendo antecipadamente a esta Proclamação, Irene Lisboa escrevia:

"...A terra, o homem a faz.

A picota, o chão de milho e abóboras (canas altas, enfolhadas, rasteiras flores grandes, como trapos cor de laranja), a casa...

E de um lado e outos, nas abas muito juntas da serra, pinhal.

Quem havia de dizer, atravessando o brávio, deserto pinhal, que a mimosa mão do homem tivesse plantado um fresco jardim verde na juntura destas duas encostas!

Aproveitando não sei que resquícios de água ⁽¹⁾ ..."

Dir-se-ia que estamos em presença de uma interpretação da paisagem feita pelo próprio arquitecto Ribeiro Teles, ou pelo doutor Jorge Paiva em defesa da paisagem de "Bocage" ⁽²⁾ explicando que o homem não é um ser da floresta mas um animal da orla, um construtor de sebes contínuas onde é maior o valor biológico, jardineiro das hortas e anacoreta sábio, sobrevivendo entre a bouça e o socalco.

Esta relação, atravessa toda a obra da poetisa e dos nossos maiores prosadores da primeira metade do século, cujos contributos se podem cotejar com o dos naturalistas de renome, mediatizados a partir da década de setenta, a quem se reconhece um importante papel na tomada de consciência dos valores ambientais em crise.

A visão da floresta como suporte dos principais ecossistemas que sustentam a vida e a biodiversidade, surge em paralelo na obra dos nossos investigadores e escritores.

Lembremos as palavras recentes e avisadas do Prof. Doutor Jorge Paiva: *"A riqueza material e a cultura de um povo são geralmente salvaguardadas com cuidado e confere-se-lhe muito ênfase. Mas a "idade" da espécie humana (homo Sapiens L.), a única espécie responsável pela cultura, é extraordinariamente curta (1,6 milhões de anos para o género Homo e cerca de 200 mil anos para a espécie Homo sapiens L.) em relação à de outras formas de vida (3 500 milhões de anos) do Globo Terrestre.*

⁽¹⁾ Irene Lisboa, Outono havias de vir bastante triste, da poesia Passeios, 1937.

⁽²⁾ Segundo a definição deste eminente botânico e conhecido ambientalista, a paisagem de "Bocage" é caracterizada por campos ladeados por sebes vivas, onde dominam árvores de grande porte, insurgindo-se contra a sua mutilação e destruição, porque, de par com o desenvolvimento insustentável, constituem, em Portugal e amplas regiões do Globo, causas da desertificação.

Portanto o Património Biológico é cerca de 3.500 milhões de vezes mais antigo que o Património Cultural e sem ele não seria possível muito do Património Material (ex: combustíveis fósseis) de que dependemos, nem o Património Cultural, visto que este está directamente relacionado com a nossa actividade e nós só sobrevivemos à custa de outros animais e das plantas (Património Biológico).

Não há ainda uma estimativa exacta do número de espécies de seres vivos existentes no Globo Terrestre, nem das que se extinguem todos os anos, visto que os cálculos, particularmente das que se extinguem, se baseiam nos macro-organismos. Estima-se que o número de espécies estudadas e batizadas com nomenclatura latina atinja hoje os 2,5 milhões, mas a avaliação mais recentes apontam para a possível existência de cerca de 30 milhões de espécies, completamente desconhecidas.

Mais de metade das espécies vive nas florestas tropicais. No início do século, estas florestas cobriram mais de 15% da superfície do Planeta. Devido à desenfreada exploração destes ecossistemas, essas florestas cobrem, presentemente, uma área inferior a 6% da superfície terrestre".

Tal significa que anualmente desaparecem milhares de espécies cujo valor económico, alimentar, medicinal... ignoramos, como consequência directa da destruição da floresta. E o que é historicamente trágico nos dias de hoje, conhecida a Lei de Bronze da Paleontologia, que postula a irreversibilidade da evolução, é o ritmo a que se processa a perda da biodiversidade, o esgotamento dos recursos naturais produtores de energia e a multiplicação dos efeitos poluidores que atingem o conjunto do planeta, mas também e com consequência imprevisíveis, o material genético fundamental, o AND que conserva e reproduz os códigos da vida.

Regressemos à literatura e agora à visão estética de Aquilino Ribeiro, que na obra "A Casa Grande de Romarigães" nos retrata o aperecimento e a diversidade da vida a partir do nascimento das grandes florestas naturais. A génese da floresta surge-nos, no início do romance, como esplendor desse nascimento e fundamento ecológico do sortilégio da vida:

"Do pinhão, que um pé de vento arrancou ao dormitório da pinha-mãe, e da bolota, que a ave deixou cair no solo, repetido o acto mil vezes, gerou-se a floresta. Acudiram os passáros, os insectos, os roedores de toda a ordem a povoá-la. No seu solo abrigado e gordo nasceram as ervas, cuja semente bóia nos céus ou espera à tez dos pousios a vez de germinar: De permeio desabrocharam cardos, que são a flor da amargura, e a abrótea, a diabelha, o esfondílio, flores humildes, por isso mesmo troféus de vitória. Vieram os lobos, os javalis, os zagaís com os gados, a infinita criação rusticante".⁽⁶⁾ ... Enfim, o quadro poético da floresta mediterrânica visto como um ecossistema pleno de vida.

⁽⁶⁾ Aquilino Ribeiro, A Casa Grande de Romarigães, Livraria Bertrand, Lisboa, 1957.

E é ainda por via da literatura que podemos encontrar a História. De novo com Aquilino, a título de exemplo, algumas passagens do romance proibido "Quando os Lobos Uivam" cujo tema é o do conflituoso avanço da industrialização e das relações de produção capitalista no nosso mundo rural dos anos 50.

Nela são visíveis as contradições geradas entre os interesses sociais dos povos serranos e a florestação indiscriminada dos baldios para abastecer as novas indústrias das madeiras, da resinagem e da celulose.

De um lado o Eng. Streit dos Serviços Florestais, que vem defender a superioridade técnica e económica do modelo de exploração florestal assente na plantação maciça do pinheiro bravo.

"... O Problema eu o torno a formular: existe neste concelho uma vasta zona, coisa de 10 a 15 mil hectares, meia desértica, meia maninho, parte escavada pela erosão ou de penedal improdutivo, parte a mata galego, chamada a serra dos Milhafres. Na periferia, estão enquistadas com suas folhas umas dezenas de aldeias, que lhe são, por um terço mais ou menos, feudatárias em estrumes, chamiças ou lenha de queimar e em pastagens. O Estado diz a estas aldeias: tomo-lhes conta de uma porção, 50 a 70 por cento, suponhamos. Onde hoje cresce apenas uma rabugem vegetal, a que as ovelhas vêm ripar os rebentos e que obriga o roçador a gastar um dia para agenciar uma carrada, dentro de quinze anos têm caruma à farta, a alimpadura e desbaste dos bastios, e todo o matioço que medra à sombra. A essa altura os rebanhos podem voltar a pastar pelas chapadas e devesas. O macioço será ainda cortado por estradas onde podem transitar os automóveis, e as aldeias, até agora ligadas por longos e tortuosos caminhos de difícil trilho ficam a dois passos umas das outras..."⁽¹⁾

Na segunda parte do seu discurso, utiliza mesmo argumentos de natureza ambientalista, acerca dos benefícios do regime hídrico:

"... Com o revestimento vegetal dos oiteiros, beneficia o regime hídrico da região. Minas e fontes de superfície adquirem mais constância no seu fluxo, e os rios e corgos inundarão menos os campos e é possível que não arrastem mais as terras. Não se fala nas vantagens de ordem sanitária e climática que resultam daí. São intuitivas. Por outro lado, dentro de vinte, trinta anos, a região, que é pobre, com o trabalho de pinhal, derrubadas, serrações, gemagem, transportes e alimpas, terá aqui uma fonte apreciável de receitas e a ocupação certa de muitos braços..."

Na realidade trata-se da monocultura do pinheiro e não de plantar uma floresta. As associações vegetais endógenas das nossas montanhas do Norte e Centro, dominadas pelos carvalhos e azereiros, castanheiros e ulmeiros, azevinhos e medronheiros, de grande riqueza faunística e

⁽¹⁾ Ibid, pp. 62 e 63.

florística, já não pareciam pertencer à cultura científica dos engenheiros estatais.

Responde-lhe o advogado dos serranos, Dr. Rigoberto, contrapondo-lhe, em primeiro lugar, o valor da liberdade e do livre arbítrio das comunidades, contra a prepotência da burocracia centralizadora e dos seus títeres e depois defendendo a sobrevivência do modo de produção camponês, auto-sustentado e empiricamente ecologista.

"...Temem elas, antes de mais nada, que à força de regulamentos, posturas, acabem por ficar desapossadas do que hoje é absolutamente seu. Há tiranete mais despótico nestes tempos que um guarda, um regedor, o simples polícia dum jardim?! Como a ressaca, que deixa o cisco miúdo, isto é, o cisco do cisco, precisamente a partir do ponto mais distante a que chega a ondulação assim sucede com os abusos da autoridade. Quando mais reles, mais longe do poder central, mais prepotentes. Por agora, as aldeias é que são as donas absolutas da serra; elas é que mandam, põem e dispõem. Acontece mesmo algumas juntas de freguesia, «prendendo a serra», terem chegado a adoptar um regime que agrícola e florestalmente é digno de apreço. Eu explico: durante certo prazo não entra na serra enxada, roçadoura ou foice. Fora disso, e elas é que ditam a serra é franca. O tojo, o sargaço, a bela-luz são da cabra que os espanta ou do ferro que os corta. A lebre, o coelho, a perdiz são do caçador que lhes acerta com dois bagos de chumbo...

-Livre e plena propriedade! Na serra não existem divisórias, nem muros, nem coutadas, nem empreços. O lavrador chega a ninguém o colbe de encher o carro; escolhe campo o que mais madrega; o mais operoso; o mais apto. É um prémio ao esforço; os gados pastam à rédea solta sem couteiro que os acoime. Em algumas destas aldeias diz-se: nasce cordeiro, nasce o pastor que o há-de guardar, tanto a serra é o providencial e oportuno redil. Tirando-lhes a serra que lhes dá o Estado em compensação? Dá-lhes, se der, daqui a dez, quinze anos, lenha; caruma; estacas para feijoeiros e para foguetes; ares impregnados de essências vegetais, quando até agora são de oxigénio puro e ozono dos altos; e sombras, oferece-lhes muito boas sombras. Oferece-lhes também belas paisagens. Que é isto para eles? Pois não são o seu elemento? Pode oferecer-se o céu como prémio ao pássaro, ou a água ao peixe? Nos próximos dez a quinze anos, os moradores terão de andar com a cabra e a ovelha à corda, porque, se caem em deixá-las fugir para o bastio, muita te valha. Levem-nas para os lameiros... Quem os tem suficientes para pasto de bovinos e gado miúdo? Daqui a vinte anos. É a vida duma geração..."⁽⁸⁾

Enfim, estamos face a face com a história moderna e em presença de um problema chave de todo o desenvolvimento rural contemporâneo: questiona-se o modo de produção social em função da

⁽⁸⁾ Ibid, pág. 65.

necessidade de restabelecer o equilíbrio da relação homem ambiente, respeitando a floresta na sua dupla natureza de recurso económico sustentável e reguladora ecológica da paisagem humanizada. Mas sem jamais esquecer que os grandes quadros naturais são também o produto do trabalho humano e da acção do camponês enquanto arquitecto e conservador da paisagem. Sem a sua presença não há ecologia da paisagem.

Poderíamos também recorrer à crónica jornalística para equacionar a importância das sebes contínuas de arvoredo na qualidade ambiental da nossa sociedade fortemente urbanizada. Um último exemplo extraído da obra de Fernando Namora com o título *A Nave de Pedra* e do seu artigo "Esta Lisboa das árvores que não tem".

O cidadão, creio, perdeu o sentido biológico dessas coisas. Aos poucos se foi deixando emparedar e insensibilizar na frieza das ruas despidas. Se, nos dias de fogo, amodorrado pelo deserto do sol em que vão transformando a sua urbe, lamenta a mingua de sombras, de abrigos de verdura, essa lamentação penso que traduz mero desconforto, um protesto superficial sem vínculo sem qualquer sentimento profundo. Mas quem, desde o berço, confundiu paisagem com brejos e pinhos e aprendeu que as árvores interferem na vida dos homens, no seu modo de ser e fruir, quem teve ensejo de identificar o ar que se respira pelos odores que o impregnam, como se apura, pelo travo, a casta de um vinho, e quem, mais tarde, soube que as clareiras verdes corrigem os climas, defendem a saúde intervêm decisivamente no espigar das crianças - esses têm de sentir a instintiva rebelião dos jovens contra os agressores da natureza, o seu combate ecológico, que é simultaneamente um pretexto e uma finalidade, quase uma alegoria; esses têm de se doer, nas entranhas, por assistir a este crescimento sófrego de uma cidade airosa, como Lisboa, a odiar o arvoredo.

Com este testemunho, onde a cidade de Lisboa podia ser substituída por qualquer outro grande centro urbano, regressamos ao 1.^o fundamento da importância e da necessidade de institucionalizarmos no sistema educativo os Clubes da Natureza e particularmos os Clubes da Floresta. Mas é preciso também acentuar que o seu funcionamento deve basear-se em novas metodologias de trabalho: a ciência não tem que ser hermética, inacessível e reduzida ao discurso frio das quatro paredes de uma sala de aula, mesmo que iluminada pelos modernos meios audiovisuais. Nada substitui o contacto directo e a experiência viva da natureza, a marcha, a caminhada, que restituem ao jovem estudante os prazeres de sentir os aromas, os cantos, as formas e as cores, a multitudine dos sopros da vida, que a terra alimenta desde que quadrhumanos nos erguemos sob a protecção das florestas quaternárias.

Por outro lado, o carácter especializado da formação académica dos docentes determina a necessidade de uma formação contínua interdisciplinar dos professores para que, com segurança, competência e autonomia, possam orientar os seus alunos e formar parcerias frutuosas nos vários domínios científicos disciplinares e nas novas áreas do currículo.

Os fogos florestais constituem uma tragédia, num contexto de crise ambiental generalizada, que por si só justifica hoje a importância dos clubes da floresta.

Mas é também porque a floresta pode ser estudada como um verdadeiro centro experimental onde se articulam os saberes científicos e ainda porque existe na sua diversidade ecológica um laço comum com todas as formas de vida, que esse estudo assume uma dimensão ética indissociável da consciência social contemporânea.

Talvez por isso o poeta, professor e cientista António Gedeão escolheu como tema da sua Pastoral - as *folhas*, nelas celebrando a natureza única e multiforme de todas as manifestações da vida, o próprio símbolo da conservação e do respeito pela biodiversidade:

A palavra final ao poeta:

*Não há, não
duas folhas iguais em toda a criação.
Ou nervura a menos, ou célula a mais,
não há, de certeza, duas folhas iguais...
... Umas vão e caem no charco cinzento,
e lançam opelos nas ondas que fazem;
outras vão e jazem
sem mais movimento.
Mas outras não jazem,
nem caem, nem gritam,
apenas voitam
nas dobras do vento.
É dessas que eu sou.*

Prof. Doutor Luciano Lourenço

Prosepe. Os desafios do virar do milénio

Instituto de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O Projecto de Sensibilização da População Escolar (Prosepe) para a preservação da floresta e a prevenção de fogos florestais acaba de iniciar um novo ciclo, na sua vida ainda jovem, ao estender-se a todo o território continental, ao alargar-se a todos os anos dos Ensinos Básico e Secundário e ao projectar-se até meados do ano 2000, ou seja, até ao virar do milénio.

Há ainda muito a fazer em termos de sensibilização da população pelo que este Projecto tem plena razão de ser.

Os seus principais objectivos são dois:

I. Ministrando formação florestal aos jovens estudantes

- formar cidadãos conscientes da importância nacional da nossa floresta e responsabilizá-los pelo futuro desta;
- formar os futuros proprietários florestais e/ou os fruidores dos espaços florestais, no sentido de contrariar as actuais tendências absentistas e de os transformar em intervenientes activos, dispostos a contribuir para melhorar o sector florestal;
- consciencializar os jovens para a necessidade da correcta ocupação e gestão dos espaços e dos recursos florestais;
- alertar os estudantes para as vantagens do redimensionamento das propriedades florestais, através de compra, venda, troca, arrendamento, associação de parcelas (prédios);
- fazer-lhes sentir que a floresta é vida, pelo que deve ser conduzida, orientada e não deixada entregue a si própria. Tal implica intervenção programada, condução, gestão dos povoamentos florestais;
- incutir neles a necessidade de, nas suas propriedades, promoverem o ordenamento florestal, fomentando a

biodiversidade e potencializando o uso múltiplo dos espaços florestais.

2. Dar-lhes educação florestal

- despertar nos jovens em idade escolar valores, princípios e atitudes comportamentais que conduzam à preservação e defesa da floresta;
- dando-lhes a conhecer a floresta, tanto as potencialidades que encerra como os males que a afectam;
- inculcando neles a importância económica da floresta de produção e divulgando as potencialidades do sector florestal;
- ensinando-lhes a finalidade da floresta de protecção;
- ajudando-os a identificar as espécies autóctones e as exóticas mais frequentes;
- salientando a função e o valor económico das principais espécies existentes em Portugal;
- divulgando a biodiversidade animal e vegetal do meio florestal;
- levando os jovens a contactar directamente com os espaços florestais;
- ensinando os cidadãos a conviver sem conflitos com o ambiente florestal.

Na sequência do trabalho desenvolvido nos anos anteriores, entendemos dar-lhe nova dinâmica, torná-lo mais entusiasta, juntando-lhe uma nova perspectiva, a da "Floresta Viva". A floresta que alimenta, dá vida à nossa cultura, às nossas indústrias e que quer continuar a viver no futuro.

Nesta conformidade, definimos os cenários para os próximos três anos lectivos:

Em 1997/98: privilegiaremos *os aspectos culturais da floresta*, aglutinados no tema: a floresta na origem dos transportes aquáticos.

Tendo em conta que 1998 é o ano dos oceanos, analisaremos a contribuição da floresta para os descobrimentos, para a pesca e para os transportes aquáticos, ainda existentes ou já extintos, no mar e nas águas interiores.

Em 1998/99: pretendemos realçar *os aspectos económicos da floresta*, sob a égide: *florestas: do artesanato à indústria*.

Procuraremos salientar a importância económica da floresta, quer na utilização da madeira e dos produtos florestais, quer na criação de emprego, salvaguardando os aspectos ecológicos, em suma, trata-se de "explorar sem desertificar".

Em 1999/2000: no virar do milénio, salientaremos os *aspectos sociais e ambientais da floresta*, abordando o tema: *a floresta no futuro, um bem a preservar*.

Trata-se de salientar a importância social e ambiental, promovendo-se o fomento do uso múltiplo da floresta, com realce para a sua utilização como espaço de lazer.

A concretização do Projecto implica a criação e dinamização de uma rede Prosepe • Clubes da Floresta, a qual será responsável pela sensibilização da população escolar em que se integra.

Embora a rede já seja considerável, contando actualmente com mais de 200 Prosepe • Clubes da Floresta, pretendemos que seja ainda mais vasta, pois muitas áreas florestais não dispõem de Clubes da Floresta nas suas Escolas (Fig. 1).

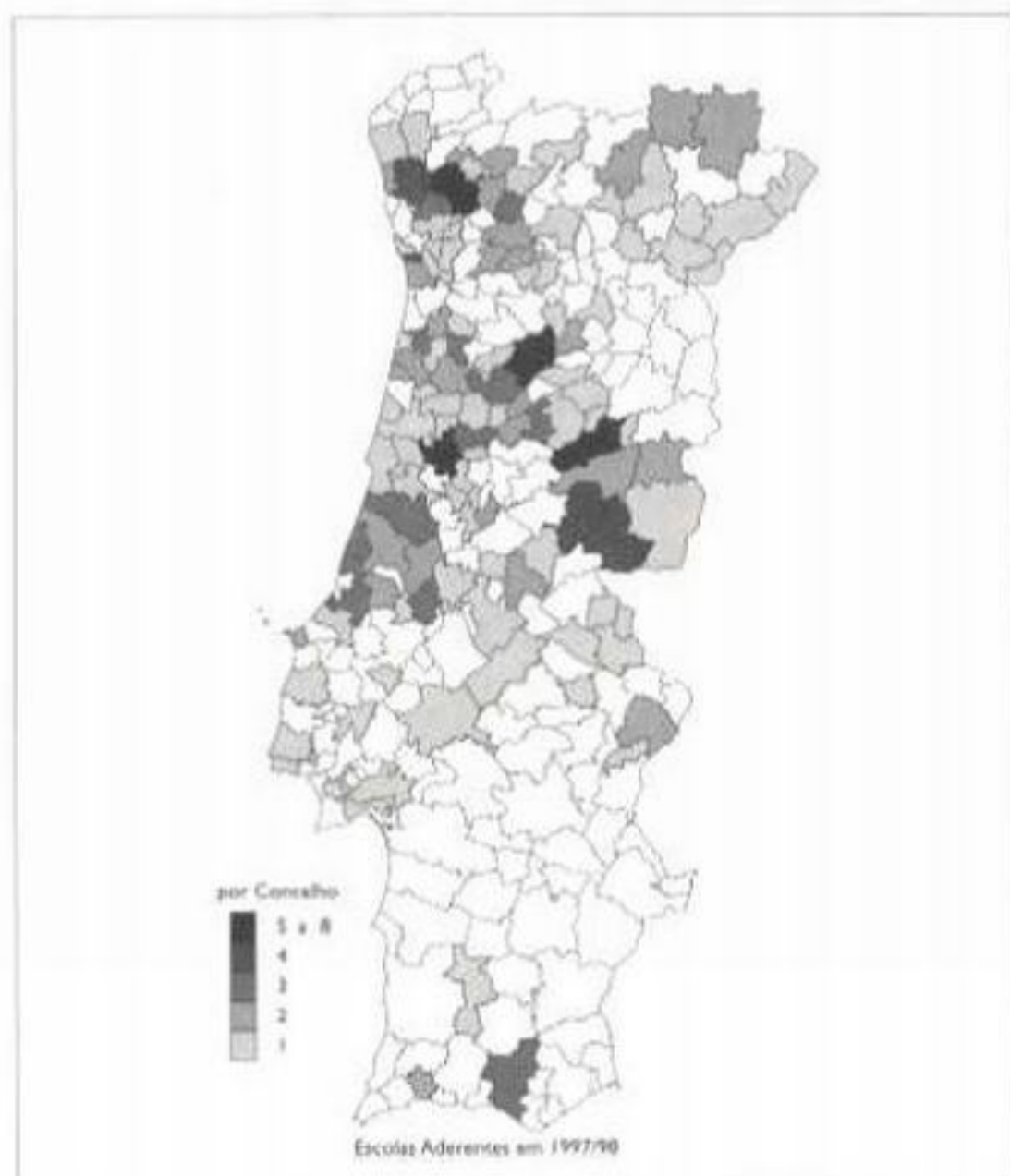


Fig. 1 – Rede de Prosepe • Clubes da Floresta.

O Clube da Floresta, no seu conjunto e individualmente através de cada um dos seus membros, é o motor da sensibilização, tanto na comunidade escolar, como na comunidade local. É a ele que lhe compete alertar para a importância da floresta, nas suas diferentes facetas, e promover o uso ordenado e, em simultâneo, a conservação dos espaços e produtos florestais.

Muito há a fazer nestas matérias, mas estou certo de que cada Clube, trabalhando em equipa, com espírito voluntário e dedicação a esta causa nobre, irá, lenta e gradualmente, transformar o meio em que se insere, aplicando na prática e em perfeita sintonia, a relação Escola-Meio. Será como a pequena semente que cresce e se transforma em árvore. É o conjunto de árvores que contribui para formar a floresta.

Cada membro do Clube é de início a semente (o pinhão, a bolota, a castanha, ...) que se se deixar imbuir pelo espírito do Prosepe, se transformará em árvore (pinheiro, sobreiro, castanheiro, ...), tomará consciência dos problemas que afectam o sector florestal e, se trabalhar em equipa, constituir-se-á em floresta (pinhal, montado, soute, ...) assumindo uma postura interventiva, contribuindo, em conjunto, para alterar, para melhorar, para transformar radicalmente os espaços florestais.

O futuro da floresta está nas suas mãos e depende de nós. Não defraudemos quem em nós depositar confiança. Enfrentemos este desafio, para que o próximo milénio seja o da sustentabilidade da floresta.

Dr. Francisco José Lopes

Os Clubes da Floresta no contexto educativo

Subdelegado da Comissão Nacional Especializada de Fogos Florestais.

Tópicos da Intervenção

1. Os Clubes como actividade extracurricular e parte integrante do Projecto Educativo de uma Escola.

2. A importância dos Clubes na relação com o Meio em que a Escola se insere.

3. Os Clubes da Floresta e a sua ligação ao meio rural, como forma de vivência-experimentação/aprendizagem e desenvolvimento de conceitos ambientais, culturais, recreativos e económicos.

4. A convergência dos projectos dos Clubes da Floresta com as estruturas locais ligadas ao processo, nomeadamente as CEFF's Municipais.

5. A gestão de recursos humanos e financeiros na dinamização dos Clubes da Floresta.

Dr^a. Maria José Bastos

Circuito Geo-botânico da Serra da Boa Viagem

EB 2/3 Buarcos – Figueira da Foz.

Clube da Floresta

Dada a importância crescente da sensibilização da população em geral para as questões ambientais, com incidência nas camadas mais jovens, e por considerarmos que a educação ambiental assume, na correcta gestão da Floresta um papel essencial, apostámos fortemente na criação do *Clube da Floresta na nossa Escola*.

O Clube foi criado segundo as directivas do Programa PROSEPE, com o intuito de sensibilizar a população escolar e toda a população em geral para a protecção e defesa da nossa Floresta.

Desde o seu início, o Clube da Floresta assumiu um papel preponderante como veículo de consciencialização ecológica da nossa Escola, com a aderência por parte da população escolar que se empenhou na realização de todas as actividades propostas.

Deitámos mãos à obra... Professores e Alunos envolvidos, provocaram o êxito do nosso Clube.

Convidámos os Alunos a serem membros do Clube da Floresta e organizámos uma sala para a realização das actividades constantes no Plano de Actividades. Neste espaço foram realizados em grupo e individualmente diversos trabalhos, cartazes, jogos, maquetes, poesias e um Concurso com o tema "*Escola sensibilizada é Floresta protegida*" para apurar o melhor logotipo para a faixa, estandarte e estampagem de t-shirts para todos os Alunos aderentes ao Clube. Alunos motivados, Professores empenhados, participaram no ENJOF 97 em Viseu, em 21 de Março, no Encontro Distrital de Clubes da Floresta na Serra da Lousã e no PROSEPE EXPOCOIMBRA 97, em Coimbra, a 6 de Maio, onde apresentámos o Hino do Clube e os trabalhos realizados pelos Alunos.

A dinâmica do Clube reforçou a componente educativa, como factor primordial de sensibilização dos nossos Alunos, realizando-se um ciclo de palestras subordinadas a temas alusivos à Floresta e alargadas a toda a comunidade educativa.

A ideia da instalação de um Circuito Geo-Botânico, na Serra da Boa Viagem, na Figueira da Foz, afigurou-se-nos desde o início, como uma iniciativa de difícil execução mas à qual o Clube deitou mão. Por considerarmos a Floresta um local de lazer e de grande interesse turístico, tendo conseguido o apoio do Prosepe, das Empresas Soporcel e Celbi, da Direcção Regional da Agricultura da Beira Litoral e da Universidade de Coimbra, através da Faculdade de Ciências e do Departamento Botânico, partimos para a Serra, Professores e Alunos recolherem espécies. Procedeu-se à sua identificação, delimitou-se no terreno o traçado do Circuito Geo-Botânico, colocaram-se marcos de identificação.

No dia 20 de Junho 1997 realizou-se a inauguração. Alunos, Professores e diversas Entidades Oficiais convidadas festejaram o acontecimento.

A realização deste Projecto, que foi e continuará a ser um grande desafio que só poderá ter êxito se conseguir um Coordenador disponível e empenhado, Professores aderentes colaboradores e, sobretudo, Alunos motivados.

A Escola E.B. 2-3 de Buarcos conseguiu, no ano de 1996/97 reunir essas condições pela mão jovem das suas dinamizadoras e tudo fará para assegurar no futuro a sua continuidade.

Dr. Simão Luís P. Velez

O contributo de cada indivíduo na preservação da floresta

Escola Garcia D'Orta – Castelo de Vide

O contributo de cada indivíduo na preservação da floresta é tanto maior quanto for o seu sentimento de bem estar no seio florestal.

O fomentar de uma personalidade consciente em que se exalte a valorização da floresta é sem dúvida um dos objectivos cernes deste projecto, e de qualquer clube.

É no entanto nas zonas florestadas que importa intensificar essa acção educativa de preservação, conservação e vigilância das florestas.

Exactamente pela localização geográfica de algumas escolas, nessas zonas, nomeadamente as que possuem um contacto íntimo com a floresta, possibilitam um fervor ainda superior de sentimentos de apreço.

As dificuldades surgem por vezes, no planeamento de actividades que quebrem a nostalgia do estar por estar e/ou do passear por passear, de forma a que a permanência na floresta seja um prazer.

Esta minha comunicação vem no sentido de partilhar convosco o que aconteceu com o clube que coordenei, o clube do Lécas da Escola Básica Integrada Garcia D'Orta de Castelo de Vide.

Separados da floresta apenas algumas dezenas de metros, somos um exemplo de uma vivência em comunhão perfeita com o meio florestal.

Assim, privilegiar actividades em que os alunos estivessem integrados e em permanência constante na floresta, observando-a, compreendendo-a e admirando-a, foi uma decisão inicial de base sólida.

Com isto foi também possível exercer uma acção vigilante "in loco" na floresta, numa altura do ano em que as instituições responsáveis por esta tarefa tem ainda inactivos os postos de vigia.

Então e que actividades desenvolver para que a monotonia não nos tocasse?

Como Professores de Educação Física estarei talvez, numa área disciplinar com alguns privilégios para a solução do referido problema.

Aliando o desejo da prática de novas actividades desportivas, onde a adrenalina se eleva, ao facto de algumas destas actividades exigirem espaços florestais para as suas práticas, enveredamos essencialmente por este tipo de actividades.

Durante o 1º período e pelo rigor das condições climatéricas de Inverno, realizamos visitas a Instituições pertencentes ao mecanismo de preservação, vigilância e combate aos incêndios florestais, como sejam:

- Associação Humanitárias dos Bombeiros Voluntários de Castelo de Vide;
- Centro Coordenador Operacional de Portalegre;
- Torres de vigia do Instituto Nacional de Florestas no Parque Natural da Serra de São Mamede.

Possibilitando aos alunos uma visão alargada da forma como estão organizados e relacionados estas Instituições.

No 2º e 3º período todas as actividades foram planeadas em redor da prática desportiva no meio florestal, como sejam, o montanhismo (escalada e rappel) e a orientação.

A reacção dos alunos foi excelente, pelo que aconselho vivamente este tipo de actividades.

Com autonomia ou colaboração do grupo de Educação Física, ou outros Professores que estejam ligados a estas actividades, sugiro que incluam no vosso planeamento estas actividades práticas e ides ver a auréola de prazer que emanará dos alunos nestas práticas.

Penso que os alunos pertencentes aos clubes que realizem estas actividades serão futuramente cidadãos que para além de olharem para a floresta num prisma diferente, se dedicarão nos seus tempos livres a actividade em que pela sua integração na floresta irão aumentar os "olhos vigilantes" da nossa manta florestal.

Dr^a. Estela Belo Morgado

Floresta-Espaço de Aprendizagem

Escola B.I. 1,2,3 de Santa Catarina

Com esta comunicação pretende-se a abordagem de três vertentes essenciais do estudo/problematização da Floresta entendida como espaço privilegiado de aprendizagem.

Sensibilização da comunidade escolar e das populações locais para a importância da preservação da biodiversidade do espaço florestal.

Neste domínio, salientam-se todas as acções destinadas a um público - alvo com especificidades culturais próprias de uma vivência com a Floresta marcada por conceitos e aprendizagens provenientes de um senso-comum em que o espaço florestal surge intrinsecamente ligado à vida quotidiana.

Promoção de uma consciência ambiental numa população escolar em que a educação para os valores e para o exercício pleno da cidadania pressupõe a acção consertada dos educadores no sentido do fortalecimento dos laços culturais que nos ligam à Floresta.

Actuação planeada no sentido de responder às exigências de uma sociedade com que a gestão dos recursos naturais se assume como primordial para o desenvolvimento sustentável da economia, sem ferir o equilíbrio ecológico e cultural.

Neste contexto, a Escola assume a função de interligação na trilogia, homem - Floresta - Sociedade, na senda da formação de uma nova consciência ambiental que é também cultural.

Eng.º Lino Almeida Q. Nossa

Quem trilha por gosto não cansa!

Delegação de Coimbra do Instituto de Conservação da Natureza

O ar puro, a caminhada saudável, o contacto com a natureza, um dia único num pedacinho de Mundo que se redescobre a cada visita. Eis algumas boas razões para dedicar alguma atenção aos Trilhos (Percurso Pedestres) que existem um pouco por todo o País.

Desde paisagens deslumbrantes das nossas serras, até às dunas que tocam o mar, passando por matas, pauis, monumentos naturais singulares, há todo um Portugal Natural há espera de ser descoberto e preservado, por mais contraditórios que estes conceitos parecem ser.

As Áreas Protegidas constituem uma gota de águas no Oceano que é o nosso país. Apenas 6% do território nacional faz parte da Rede Nacional de Áreas Protegidas. Esta é constituída por 1 (um) Parque Nacional, 10 (dez) Parques Naturais, 8 (oito) Reservas Naturais, 3 (três) Áreas de Paisagem Protegidas, 10 (dez) Sítios Classificados, e 1 (um) Monumento Natural.

A Delegação de Coimbra do Instituto da Conservação da Natureza tem o seu cargo a gestão de 4 (quatro) destas Áreas Protegidas (Reserva natural do Paul de Arzila, Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto, Área de Paisagem Protegida da Serra do Açor, e Sítio Classificado dos Montes de Santa Olaia e Ferrestelo), e ainda de 5 (cinco) outras Áreas que (ainda) não integram a Rede Nacional de Áreas Protegidas (Paul do Taipal, Paul da Madriz, Cambarinho, Mata Nacional do Choupal e Mata Nacional de Vale de Canas).

Para melhor conhecimento de algumas dessas Áreas Protegidas, foram estabelecidos Trilhos (percursos naturais), pedestres ou não, que merecem uma visita atenta e cuidadosamente planeada.

É importante que o professor saiba qual o seu papel na realização de uma caminhada por um trilho, bem como o comportamento a tomar pelos alunos. Será assim indispensável que o professor obtenha

previamente alguns conhecimentos sobre a Área a visitar pelos alunos, de modo a ser parte activa na realização da visita.

Esta apresentação irá incidir em três Trilhos perfeitamente distintos:

- Reserva Natural do Paul de Arzila, com um percurso totalmente feito com vista à observação de uma área apaulada;

- Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto, com um percurso que permite observar duas zonas distintas: mata e dunas;

- Área de Paisagem Protegida da serra do Açor, com vários percursos, tanto para observação da Mata da Margaraça, como para a compreensão da paisagem da Serra que nos é oferecida.

São três propostas irrecusáveis, de características únicas, merecedoras da sua atenção, que poderão culminar numa visita cuidadosamente preparada, que certamente os seus alunos agradecerão.

Eng^a. Alda Vieira

A importância do binómio água-floresta

Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral

Resumo

Água sem floresta?

Floresta sem água?

Onde há floresta há água?

Onde há água não há floresta?

Não é uma simples e fácil relação biunívoca.

Não há uma relação linear de causa e efeito.

Dr. António Morais

O uso didáctico-pedagógico dos espaços florestais

Serviço Nacional de Protecção Civil.

O tema que me é proposto não será seguramente de abordagem fácil e confesso que me senti tentado a apresentar escusa para não estar aqui neste momento. Porém... aqui vão alinhavados, não mais que alguns pensamentos à guisa de reflexões.

A primeira dificuldade tem naturalmente a ver com os destinatários da palestra, que por certo esperarão mais do que aqui encontrarão e também porque a sua função docente os torna num auditório exigente e com quem comungamos a dedicação, o interesse, o esforço. direi mesmo, o sacerdócio pois que ser Professor é ser por toda a vida o arauto da novidade, da ciência, do "novo".

Perante vós caros colegas sinto-me como um aluno cábula apanhado em flagrante, receoso que a cada instante se revele a falta de substância e conteúdo deste arrazoado de palavras.

Uma segunda dificuldade tem a ver com o nível desta assembleia que de ano para ano não cessa de aumentar em número e seguramente em qualidade, posto que a dedicação é tão por demais evidente que só por redundância não deixaremos de a referir.

Finalmente... lembremos as palavras daquele professor tão especial que todos desejávamos ser! Flor rara depressa arrancada do nosso mundo, mas ainda assim exalando um perfume inebriante e subtil. Tal como Sebastião da Gama digamos convictos "Bendito seja Deus que me fez Professor!"

As florestas são para todos nós matéria de trabalho, mas seguramente para além da exactidão do nosso conhecimento frio e objectivos associam no recôndito dos nossos neurónios um mundo de encanto e fantasia.

Qual de nós se não sentiu já Capuchinho Vermelho acossado face ao desconhecido?

Qual de nós não dormiu uma retemperadora sesta à sombra de uma árvore, subiu pelos ramos a espreitar aqueles novelinhos de penas num aconchegado ninho?

Quem não desejou estar com os cinco numa cabana escondida na copa de uma árvore?

Quem não desejou ser Robinson Crusoe e ter um criado "Sexta-Feira"?

Poderíamos enumerar mil e uma situações ligadas à nossa infância e à nossa juventude que seguramente o tempo disponível não chegaria para todas essas evocações plenas de encanto, de magia de vida.

Porém... a fantasia apaga-se das nossas vidas, esmagados que somos na vertigem do progresso, da tecnologia, da vida vivida em função cibernética e cada vez menos humana, sim essa coisa onde o imprevisito, o tempo, o sucesso triunfante nos escurecem a visão da alma.

a poesia bate-nos à porta e tente penetrar-nos, mas a objectividade dos neurónios cinzentos e insensíveis impede-a de estar no nosso quotidiano. Por vezes fragmentos de poema invadem a pituitária e o cheiro a liberdade perdida estremece e cérebro fazendo-nos retornar

ao cheiro da resina que agarrada de forma indelével às nossas mãos indiciava o crime da construção das caravelas de carrasca a boiar num charco fétido (para nós Oceano da Liberdade).

Nesta orgia de sentidos posso sentir ainda aquele alto na fronte onde uma pinha inimiga abateu o aviador destemido, recordar a camisa de quadrados azuis rasgada como pendão sarraceno em luta sanguinolenta... Sei lá!

Mas... retornemos ao tema e lembremos como anda hoje a juventude arredada da floresta. Pudera... nem um jardim hoje existe na sôfrega cultura bacoca do betão armado! E aquelas árvores de parque onde sucessivas gerações de namorados cirúrgicamente entrelaçavam corações criptografados, não fosse algum "curioso" sentir designios de Champollion.

A Escola é hoje o pólo dinamizador da recuperação da floresta como parte integrante e necessária ao pleno e harmónico desenvolvimento das novas gerações, pois estando a componente ambiental já alicerçada é imperioso desenvolver a componente humana e lúdica do seu uso.

Forçoso se torna que o PROSEPE, para além da sua função pedagógica sirva de alavanca para que os poderes locais compreendam como é importante a árvore para o ser humano e como ela deve estar presente ao longo da vida na plenitude da sua pujança e não no arremedo de travesti arbustivo que hoje campeia em ruas, parques e avenidas.

Plantar novas árvores de uma turma ou escola nos espaços públicos é urgente e necessário, pois só assim o futuro cidadão criará "raízes" que o tornarão orgulhoso do passar do tempo, onde a "sua árvore" fica como testemunho de vida. Colocar placas indicativas em cada árvore de um jardim, com outras indicações referentes a essa espécie poderá ser o corolário de uma unidade didáctica mais eficaz que a memorização abstracta de informações desligadas do contexto real.

Sugerir a pais e encarregados de educação o contacto directo e visita a parques e reservas naturais como prémio pelo sucesso escolar poderá ser determinante até no seguimento de uma carreira futura e seguramente mais saudável que a compra do "jogo da moda".

Incentivar o conhecimento da realidade local é seguramente mais enriquecedor e compensatório que conhecer "realidades virtuais" estranhas ao meio-ambiente local.

Preferir brinquedos de madeira a plásticos, incentivar a construção de maquetes, promover corridas de "carros de rolamentos" ou de "protótipos de caixa de sabão", equipar os espaços lúdicos com baloiços de madeira e pórticos ou até miniaturas de edifícios da cidade, são algumas das actividades que poderão ser executadas como dinamizadoras da Comunidade Escolar.

Cada aluno, cada jovem encontrará o seu caminho e obviamente, fará as suas opções, mas o professor terá de ser sempre o ponto de partida. A ele cabe o papel de encenar a trama pedagógica, deixando a cada um dos seus alunos a decisão de ter actor, anotador, aderecista, contra-regra, ponto, bilheteiro, cenógrafo enfim... a multiplicidade de funções que cada ser humano pode desempenhar de acordo com as oportunidades que se lhe deparam. O Homem é o único ser que por um acto de vontade pode transformar a repulsa em atracção, o ódio em amor o meio-ambiente no caos, o belo em horterendo e disforme.

Estamos aqui para defender a floresta e essa tarefa impões-nos uma modificação de atitudes que exige desde logo a difusão do alerta para a urgência de adoptar novas condutas, e de reequacionar actos e opções. Todos temos uma importante função ao difundir a mensagem de que a floresta deve ser de novo local de jogos, destinatários de tempos livres, desporto e lazer, palco da vida.

Saibamos criar nas nossas comunidades escolares e sociais um fluxo de energia para a defesa da floresta! Aceitemos a partilhar de experiências pedagógicas, incentivemos a inovação, saibamos estar atentos e tal como cada uma das árvores da floresta entrelacemos os ramos das nossas vidas para fazer áleas frondosas onde a frescura seja perene, onde o fogo ateado por mãos humanas, sim humanas, criminosas ou negligentes, não encontre progressão.

Pretendi apenas nesta reflexão conjunta, lembrar-vos, caros colegas que educar é um acto de amor e que ao preservamos um ecossistema, estaremos seguramente a legar aos vindouros a magia da nossa infância, o palco das fábulas e lendas de encantar, o baú da nossa maneira diferente de estar na vida;

"Bendito seja Deus que nos fez Professores!"

Drs. Mário Oliveira, António Martins e Luciano Lourenço

Uma Escola, um Rio, uma Árvore

Direcção Regional de Ambiente do Centro e Universidade de Coimbra

Um exemplo de cooperação, no domínio da educação ambiental, entre a Direcção Regional do Ambiente do Centro e o projecto PROSEPE.

Sensíveis ao apelo crescente, por parte de elevado número de escolas, relativamente à concessão de apoio a iniciativas no âmbito da educação ambiental, a Direcção Regional do Ambiente do Centro (D.R.A.C.) decidiu implementar um conjunto de programas a desenvolver nessa área.

Entre estes, o programa "Uma Escola, um Rio, uma Árvore", dirigido a escolas dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e do Ensino secundário, tem como área privilegiada de intervenção - embora não exclusiva - as principais bacias hidrográficas da Região Centro, particularmente os concelhos integrantes dos Baixo-Vouga, Baixo-Mondego e Baixo-Lis, zonas em que as intervenções antrópicas nos domínios da engenharia civil, hidráulica e agrónómica se traduziram na existência de impactes ambientais sensíveis.

A realização das referidas obras de engenharia sobre as margens das linhas de água existentes conduziram, entre outros, a impactes ambientais facilmente detectáveis, salientando-se de entre estes a destruição dos corredores ecológicos, elementos paisagísticos de capital importância, garante da conservação da biodiversidade.

Na sequência da realização das actividades previstas neste programa pretende-se que seja possível aos jovens no final do mesmo:

- reconhecer os principais problemas ambientais associados às respectivas zonas de intervenção, para além da já reconhecida importância estratégica e ambiental;

- ficar sensibilizados para a necessidade de revegetar e preservar a vegetação ripícola, garante da manutenção da biodiversidade;
- realizar actividades práticas que contribuam para a melhoria da qualidade de vida da população em geral;
- integrar conteúdos curriculares através da realidade ambiental em que se inserem e das actividades que planifiquem e realizem;
- alterar as suas atitudes perante o ambiente, contribuindo de modo efectivo para a sua recuperação e/ou preservação;
- reconhecer as vantagens da cooperação no desenvolvimento de projectos, nomeadamente com o projecto PROSEPE, rentabilizando meios e recursos.

Através da adesão ao programa apresentado pela D.R.A.C., as escolas implementam a planificação proposta em anexo, desenvolvendo um conjunto de actividades, algumas das quais compatíveis, em espírito, objectivos e execução com as apresentadas pelo projecto PROSEPE, pelo que se configura viável uma adesão das escolas com Clubes da Floresta a este programa.

Assim, não será demasiada ousadia que de entre os objectivos subjacentes à apresentação de ambos os programas, se destacam o reconhecimento da Escola como veículo privilegiado de realização de acções teóricas e práticas de educação ambiental na área da prevenção /recuperação /preservação do coberto vegetal, tornando cada jovem envolvido em ambos os programas num elemento sensibilizador da necessidade de adopção urgente por parte da comunidade em que se insere e portador de atitudes ambientalmente mais correctas, nomeadamente através de novos padrões de comportamento exibidos face ao Ambiente.

Tratando-se de programas dirigidos a áreas específicas – embora complementares, quando analisadas à luz da ideia da floresta ser um todo onde existem linhas de água, ao longo das quais se desenvolve a vegetação ripícola, constituindo corredores ecológicos (simbolicamente consideradas auto-estradas da vida selvagem) permitem a realização de actividades em cooperação, quer a nível da escola quer ao nível da realização no terreno, rentabilizando alguns meios coordenados por ambas as entidades.

Assim, a existência do protocolo de cooperação entre as duas entidades permitirá que os Clubes da Floresta • PROSEPE existentes e em escolas da Região Centro:

- requisitem a exposição itinerante subordinada às Matas Ribeirinhas – que se pretende disponível a partir de Dezembro;

- recebam o folheto informativo relativo a espécies arbóreas ribeirinhas e ao procedimento relativo à sua existência em viveiro;
- recebam espécies arbóreas ribeirinhas (serão privilegiados os Clubes da Floresta pertencentes a escolas de concelhos integrados nos Baixo-Vouga, Baixo-Mondego e da adesão das escolas ao programa), sob a forma de estaca e/ou semente, permitindo que os Clubes da Floresta dinamizem os seus viveiros;
- recebam outras espécies arbóreas tradicionais (todos os Clubes da Floresta pertencentes a escolas de distritos da Região Centro, sendo a qualidade de exemplos a atribuir função do número de efectivos existentes nos viveiros da DRAC e dos pedidos a efectuar pelos Clubes da Floresta / PROSEPE), sob a forma de estaca e/ou semente, permitindo que os Clubes da Floresta dinamizem a diversifiquem os seus viveiros.

Tendo em consideração que os Clubes da Floresta são, de facto, os jovens, mas também os professores coordenadores do projecto Prosepe, será endereçado convite aos coordenadores no sentido de participarem nas Jornadas "Baixo Mondego: Que Futuro?", a organizar pela DRAC, em 30 e 31 de Outubro de 1997.

Da dinamização dos viveiros dos Clubes da Floresta resultarão dois momentos de actividades de campo distintos:

a) Primeiro momento, que se pretende que ocorra entre finais de Janeiro e Fevereiro, através do qual se colocarão nas margens dos rios vizinhos das escolas aderentes, os exemplos de vegetação ripícola cedidos para tal evento, sendo feita a divulgação junto da comunicação social tendo como prioridade o alerta para a importância ambiental deste tipo específico de vegetação;

b) Segundo momento, a definir pelo projecto Prosepe, embora seja previsível que ocorra no dia 21 de Março de 1998, onde se procederá à plantação das demais espécies cedidas pela DRAC aos Clubes da Floresta.

Por fim, e uma vez mais em franca cooperação entre DRAC e Prosepe, atendendo ao papel cada vez mais interventivo que os jovens vêm manifestando junto do ambiente em que desenvolvem a sua actividade, julga-se perfeitamente exequível uma actividade de monitorização das actividades envolvidas, permitindo recolher informação útil para o crescimento da cooperação no próximo ano lectivo, tendo por finalidade a defesa da Floresta e a adopção de atitudes cada vez mais correctas face à natureza e sua conservação.

Programas "Uma Escola, um Rio, uma Árvore"

Planificação anual

Actividades			Calendarização
Em sala de Aula	Em oficina ou exterior	No campo	
Investigação bibliográfica (1) Exposição sobre matas ribeirinhas (1) Acção de formação (2) Jornada "Baixo Mondego, Que Futuro?" (3) Planificação de painéis de informação relativos às actividades a realizar (4) Planificação de materiais diversos a produzir (ninhos artificiais, comedouros para aves, etc.) (4) Planificação do viveiro de espécies ripícolas (4) Germinação de sementes (4) Divulgação do projecto e respectivas actividades nos meios de comunicação social (1) Relatório de Actividades (7)	Construção de maletas para material de campo (4) Construção dos painéis de madeira para informação (4) Construção de viveiro de espécies ripícolas (4) Construção de materiais diversos (ninhos artificiais, comedouros para aves, etc.) (4)	Visita de campo (4): - análise da área de intervenção; - preenchimento de fichas de quantificação e caracterização de resíduos; Visita de campo (5): - plantação de espécies ripícolas; - colocação dos materiais produzidos; Monitorização da actividade (6)	(1) Ao longo do ano lectivo (2) Programação conjunta (3) em 30 e 31 de Outubro/97 (4) Dezembro/97 (5) Fevereiro/98 (6) Mensalmente, após Fevereiro/98 (7) Junho/98

O corvo em movimento

Esc. Bás. 2,3 de Penacova

Introdução

Com este trabalho pretendemos divulgar as experiências por nós realizadas, bem como sugestões que podem ser desenvolvidas neste tipo de clube, procurando desta forma dar um contributo prático a toda a comunidade educativa, tornando assim a escola mais activa e aliciante.

A nossa experiência

No ano lectivo de 95/96, a nossa escola desenvolveu uma experiência pioneira que consistiu na "Reflorestação da Serra da Atalhada":

Nesta actividade foram plantadas espécies autóctones tais como: carvalhos, castanheiros, aveleiras, bétulas, ciprestes, faias e plátanos. Para tal foi muito importante a visita de estudo à Mata da Margaraça, visto que a Serra da Atalhada fez parte da mesma mancha florestal. Esta visita foi orientada por uma bióloga em serviços nesta mata, tendo os alunos tido oportunidade de identificar as várias espécies da flora existente, o modo de plantação e transplante de algumas espécies.

Nesta sequência solicitámos ao I.C.N. o envio de documentação para consulta dos alunos e aos Serviços Florestais a cedência de várias espécies vegetais outrora existentes nesta serra. É de salientar a colaboração do Eng. Joaquim Leal, ao serviço da Câmara Municipal de Penacova, que participou na escolha do local da serra, na medição dos espaços entre as várias espécies e na sua plantação.

Na sequência da plantação foram realizadas visitas com professores e alunos tendo em vista a preservação do espaço, adubação e rega, com a colaboração dos Bombeiros de Penacova.

Para assinalar o trabalho desenvolvido pelos alunos e professores envolvidos no projecto, foi colocada uma placa identificativa da escola no início do ano lectivo 96/97, com presença do Prof. Luciano Lourenço, Dr^a. Maria da Graça, professores e alunos. Seguiu-se um piquenique realizado no Centro de Convívio do Clube de Caça e Pesca a funcionar na Escola Primária da Riba de Cima.

As restantes actividades desenvolvidas estavam relacionadas com a construção do Mini-Parque nos terrenos anexos à escolas, nomeadamente limpeza, arrelvamento, fertilização do solo, construção da estufa, colocação de gaiolas de pássaros e de ninhos.

Foi ainda realizado um teatro no Mini-parque, o qual ficou registado em vídeo, sendo posteriormente utilizado nas aulas curriculares para uma maior sensibilização dos alunos.

O culminar dos trabalhos teve lugar no dia 24 de Junho com a inauguração do Mini-Parque, durante a qual se procedeu à venda de manjericos, cultivados nas estufas pelos alunos, e do jornal "Bionevadinha" com as notícias desenvolvidas no Clube da Floresta. A comunidade educativa esteve envolvida nesta inauguração na qual participou mais uma vez o Coordenador Nacional do PROSEPE.

Eng^a. Paula Maria de Lemos Bessa

Experiência Pedagógica do Clube da Floresta da Escola Profissional Agrícola de Fermil de Basto

Escola Profissional de Fermil de Basto

Resumo

- Candidatura ao Projecto de Sensibilidade Escolar (PROSEPE).
- Elaboração do Plano de Actividades para o ano lectivo 96/97.
- Descrição da forma como foram concretizadas as actividades desenvolvidas pelo Clube, ao longo do ano lectivo 96/97.

Introdução

A Escola Profissional Agrícola de Fermil de Basto está inserida na região de Basto, incluindo os Concelhos de Celorico de Basto, Mondim de Basto e Ribeira de Pena, onde predomina o sector agrícola com forte incidência na viticultura (vinhos verdes); coexistindo com grandes áreas florestais.

Esta escola é a única do género no distrito de Braga, quer pela acessibilidade quer pela distância, assim perante a situação geográfica em que a escola se insere e porque é uma escola tipicamente rural, os formandos da escola são na maioria dos concelhos circundantes, existindo no entanto actualmente a frequentar a escola vários alunos do distrito do Porto.

Atendendo às características da escola, que tem o seu currículo cursos, como o Técnico Florestal, Gestão Agrícola e Turismo Ambiental e Rural, apresenta também alunos que demonstram uma sensibilidade natural para as questões do ambiente. Assim quando lhes foi proposto aderirem ao Projecto de sensibilização escolar, mostraram-se bastante receptivos e motivados para o desenvolvimento do projecto, perante esta disponibilidade a Escola Profissional Agrícola de Fermil de Basto, no ano lectivo 97/98, tornou-se mais um membro do PROSEPE, a partir da elaboração da candidatura.

PROSEPE uma Experiência Pedagógica

No início do ano lectivo, os membros do clube procederam à identificação deste, criando o símbolo, a fonte de inspiração foi a própria escola e a frase do PROSEPE – “Escola sensibilizada é Floresta protegida”.

Nesta 1ª fase o clube elaborou a mascote, a faixa identificadora, o estandarte e participou no concurso com uma monografia intitulada: As árvores da nossa região e uma frase que foi gravada numa placa que se encontra no arboreto da escola – Floresta um lugar de sonho... Não me acordem!

Uma vez dados os primeiros passos para a criação do clube, as preocupações foram dirigidas para a execução do plano de actividades, assim ao longo do ano lectivo o clube da floresta realizou as seguintes actividades:

- Condução e tratamento do Arboreto da escola, que se tornou no Parque florestal do clube;
- Identificação das espécies florestais existentes no parque, a partir de placas identificadoras com o respectivo nome científico e o nome vulgar;
- Na semana de 17 a 24 de Março e em conjunto com a Câmara Municipal de Celorico de Basto, em especial os animadores culturais, comemorou-se o Dia Mundial da Floresta, através de uma exposição com trabalhadores do Clube, subordinada ao tema – “O uso múltiplo da Floresta”, no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Celorico de Basto;
- Realizou uma sessão de palestras sobre a importância da floresta em todas as suas vertentes, projectou alguns filmes sobre o problema dos incêndios. Ao que se seguiu um debate entre técnicos florestais, o Comandante dos Bombeiros Voluntários de Celorico de Basto, o Sr. João Marinho e toda a comunidade escolar;
- Inaugurou o arboreto da escola com a plantação de uma espécie em vias de extinção – o Azevinho;
- Colocou ninhos e comedouros para as diversas aves, incluindo aves de rapina nocturnas como o mocho - galego.

As comemorações do Dia Mundial da Floresta encerraram com um Ciclo – florestal, que consistiu num passeio de bicicleta pela floresta ao longo de aproximadamente 26 Km, em que os participantes realizaram tarefas florestais, a partir de pistas colocadas em determinados lugares.

nomeadamente, limpeza de matos, desramação e plantação de árvores, assim os alunos tiveram a possibilidades de usufruir da beleza da floresta, bem como aprender tarefas novas, já que os participantes foram orientados pelos alunos do Curso Técnico florestal. As tarefas terminaram a partir do momento que os alunos encontraram o tesouro (um vaso com um azevinho colocado no Castelo de Arnoia). A prova encerrou com um almoço - convívio na praia fluvial de Celorico de Basto.

No dia 21 de Março, o Clube participou no Encontro Nacional dos Clubes da floresta, em Viseu, desfilando com as T-shirts e bonés do clube.

Todas as actividades do clube estiveram representadas na EXPO'Florestal do Douro, nos dias 3 a 10 de Junho no Salão de festas dos Bombeiros de Barcelos.

Ao longo do ano lectivo o clube continuou a zelar pelo parque florestal e começou desde já a as novas tarefas propostas no plano de actividades para o ano lectivo de 97/98.

Dr^{as}. Maria Clara Rodrigues e Noémia Fernandes

Prosepe ano I - Relato do Primeiro ano de Participação

Escola Secundária de Ílhavo

Começo por agradecer o convite para apresentação duma comunicação neste espaço, feito pelo Sr. Dr. Luciano Lourenço à Escola Preparatória de Ílhavo, cujo Concelho Directivo delegou na minha pessoa, dando-me assim a oportunidade de partilhar com todos os presentes a experiência, aliás muito grata, do nosso primeiro ano de PROSEPE.

Antes de entrar propriamente no relato do que constitui o motivo da minha presença aqui, gostaria de caracterizar a Escola onde trabalho. A EB2 de Ílhavo, como agora é uso designar, está instalada num edifício com cerca de 30 anos que foi outrora um externato e que desde que funciona como Escola do Segundo Ciclo do Ensino Básico, poucas obras sofreu, para além da instalação de pré-fabricados no espaço reservado aos recreios, onde se encontram a funcionar grande parte das aulas das disciplinas de expressão. Lutamos, assim com falta de condições físicas para desenvolver actividades extra-curriculares. Faltam espaços e os que há são exíguos e mal equipados. Esperamos, no entanto, que no próximo ano as nossas condições de trabalho se alterem, pois está em construção um novo edifício onde passará a funcionar uma EB 2,3 que substituirá a nossa velhinha casa.

Trabalhámos, no ano transato, com cerca de 384 alunos, tendo este número baixado para 333 no presente ano. Aliás, esta tendência decrescente do número de alunos, tem-se vindo a verificar nos últimos anos.

Esta comunicação tem como objectivo, como referimos no início, partilhar com todos os presentes uma experiência que consideramos ter sido extremamente enriquecedora para os alunos e professores envolvidos no projecto e para a escola em geral. Esperamos, assim, contribuir para aliviar de alguma ansiedade e até angústia, os

professores aqui presentes que, pela primeira vez, participam no projecto - ansiedade e angústia que também nós sentimos ao iniciar as actividades, sobretudo porque não havia dinheiro para o que quer que fosse e o regulamento do projecto deixava, mais do que no presente ano lectivo, a definição das actividades ao cuidado dos professores responsáveis em cada escola.

Trabalharam no projecto duas turmas, uma do turno da manhã, outra do turno da tarde, ambas constituídas por alunos com muitas dificuldades de aprendizagem e pouco interessados pelas actividades escolares, provenientes, na sua maioria, de meios sócio-económicos desfavorecidos.

Optámos por integrar as actividades do PROSEPE no âmbito da Área-Escolar. É isto por vários motivos:

1º Dadas as características dos alunos com quem pretendíamos trabalhar, achámos conveniente evitar a dispersão dos seus esforços, concentrando-os num único projecto.

2º Deste modo, poderíamos contar com um orçamento maior, pois que a verba disponibilizada para a Área-Escolar era apenas de cinco mil escudos por turma.

3º Podíamos contar com a participação dos restantes professores das turmas, dado que o programa de actividades proposto obrigava a uma grande interdisciplinaridade.

Relativamente às actividades levadas a cabo, começámos por escolher um local a transformar em espaço verde devidamente equipado para lazer e aproveitamento dos tempos livres da população em geral. Tínhamos conhecimento dum espaço contíguo à Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre – O Pinhal da Murteira — que poderia vir a ser recuperado para esse fim mas que exigia muito trabalho pois se encontrava completamente degradado — havia lixo por todo o espaço e os caminhos estavam invadidos por toda a espécie de vegetação e ramos partidos. Foi feita uma visita ao local e elaborado o plano de trabalho. Passámos depois aos contactos com a Vista Alegre que nos cedeu o espaço em regime de comunato durante cinco anos, com a Câmara Municipal de Ílhavo que colaborou no transporte dos alunos quando solicitada e na limpeza do pinhal, com os Bombeiros Voluntários de Ílhavo que colaboraram com a cedência de material para as exposições e cujo comandante participou num programa de rádio como mais adiante referiremos.

Como designação do clube escolhemos OS MURTEIRINHAS, nome que está ligado, como já perceberam, ao local escolhido para preservar.

Foram planificadas duas visitas de estudo:

Uma que se realizou em Novembro de 1996 à Reserva de S.Jacinto onde os alunos tiveram contanto com um local onde a preservação da Natureza é o principal objectivo. Aqui recolheram informação quer junto da pessoa que guiou a visita, quer através da observação de um filme e da exposição que se encontra no local.

Outra que se realizou mais tarde, em Maio ao Bussaco com os a colaboração da disciplina de História. Aqui, os alunos, após as visitas relacionadas com a história, disfrutaram de todo aquele ambiente pelo de beleza e de ar puro e deram largas à sensação de liberdade que o local sugere. Seguindo um trilho cujo esquema nos foi cedido pela S^a. Eng.^a Alda Vieira, responsável pelo parque, identificaram variadíssimas espécies de árvores provenientes das mais diversas zonas do Mundo.

Infelizmente as actividades programadas de limpeza do nosso pinhal foram bastante prejudicadas pelo mau tempo que se faz sentir durante a maior parte do ano, mas foi com grande entusiasmo que os alunos se lançaram nas tarefas de recolha de lixo e da colocação da placa identificadora do local, também elaborada por eles.

Paralelamente a estas actividades, os alunos dedicaram-se à execução dos símbolos identificadores do clube, à composição do hino, para o que contaram com a colaboração da professora de Portugal e do Professor de Música.

Para a comemoração da Semana da Floresta, os alunos prepararam dois programas de rádio onde entre outras coisas fizeram uma entrevista ao Sr. Comandante dos Bombeiros e divulgaram as actividades do clube na Rádio Terra Nova.

Promoveram um concurso a nível de Escola – o 6^o ano realizou cartazes e o 5^o um jogo relacionado com a floresta. Estes trabalhos foram expostos e constituído um júri para atribuição de prémios e menções honrosas. Para além destes trabalhos foi exposto material de combate aos fogos florestais cedido pelos B.V. Ilhavo.

Foram também expostos cartazes executados com imagens e gráficos, gentilmente cedidas pelo Exmo. Sr. Dr. Luciano Lourenço, sobre o número de fogos em Portugal nos últimos anos, que causaram muito impacto porque é de facto alarmante um país tão pequeno ter um índice de fogos tão elevado.

Durante a Semana da Floresta realizaram-se também outras actividades, nomeadamente uma acção de sensibilização aberta a toda a Escolas, tendo sido projectado um filme sobre a floresta, após o qual o Sr. Guarda Clemente respondeu às perguntas postas pelos alunos. Tivemos aqui a colaboração da Direcção Regional da Agricultura da

Beira Litoral - Direcção de Serviços Florestais e do Instituto Florestal do Baixo Vouga.

Contámos também com a colaboração do Clube de Ecologia da Escola Secundária Homem Cristo de Aveiro que, para além de chamar a atenção para a necessidade da protecção da Floresta, mostrou como se faz a reciclagem de papel.

Esta semana culminou com a deslocação a Viseu, que teria sido perfeita não fosse a rapidez com que os alunos tiveram de desfilar, não lhes permitindo apresentar condignamente o hino que tanto tempo lhes levava a ensaiar. Sou obrigada a fazer aqui um reparo ao facto da comunicação social não ter dado cobertura a um acontecimento tão grandioso e de uma tão grande importância a nível nacional - foi mais importante o desarranjo intestinal dos alunos duma escola qualquer do país, do que o trabalho e o entusiasmo dos cerca de 700 alunos acompanhados pelos respectivos Professores, de cento e trinta e tal escolas, envolvidos naquela festa de cor e alegria, irmanados num nobre objectivo - Preservar um bem que é de todos e que constitui a nossa maior riqueza.

Por fim participámos no Encontro Distrital, realizado em Aveiro, onde pudemos finalmente apresentar o nosso hino e alguns dos trabalhos elaborados pelos alunos, colaborando na Exposição que esteve patente no Museu de St.^a Joana Princesa.

Após tão exaustiva descrição das actividades, era justo que não aborrecesse os caros colegas e desse por terminada a minha intervenção. Mas quando pensávamos que já tínhamos concluído todo o nosso trabalho, eis que surge o convite para ser gravado o CD com alguns dos hinos dos clubes. Achamos esta actividade deveras interessante e lançamo-nos nela de alma e coração. Tenho de referir aqui um aluno para o qual esta gravação foi de muita importância, pois permitiu que se reforçasse a sua autoconfiança e se estreitassem os laços afectivos com o seu pai, ou melhor mimos, pois é assim que o Pedro trata o pai. Este, que no Natal nem um chocolate deu ao filho, por ele ter tirado duas negativas, quando viu que o filho era um dos principais protagonistas desta actividade, pois é o solista masculino, encheu o peito de ar e há que gabar o filho a toda a gente que encontrava. só por isto valeu a pena todo o esforço que fizemos, e muito especialmente o nosso colega Emanuel Moura que abdicou de parte das suas férias para que todo o projecto se pudesse concretizar.

Finalmente, após as férias, voltámos àquele local espectacular que é o Bussaco, para gravação do video-clip, actividade que os protagonistas adoraram.

Em resumo

O PROSEPE. Projecto de Sensibilização da População Escolar para a Protecção da Floresta integra-se perfeitamente nas actividades que desenvolvemos na escola, de sensibilização para a protecção da Natureza e muito em especial da Floresta.

É um programa que exige uma grande interdisciplinaridade, portanto a intervenção do maior número possível de professores de diferentes disciplinas.

É um programa que permite dinamizar a escola e a comunidade.

Ao poder ser integrado nas actividades da área-escolar permite que os alunos participem em actividades que de outro modo não o fariam.

Dá disponibilidade financeiras que permitem levar a cabo as actividades com um certo desafogo.

Penso que, de uma forma digna e empenhada, concretizámos minimamente os objectivos propostos por este programa.

Finalmente, apenas uma singela homenagem ao jovem Rui Vaz, ex-aluno da Escola Preparatória de Ílhavo, com o qual convivi apenas uma tarde em cujo estúdio se fizeram as gravações do CD e que infelizmente se enterrou no dia em que gravámos o video-clip.

Prof. Doutor Fernando Rebelo

Floresta e Turismo. Alguns exemplos portugueses de matas com interesse turístico particularmente no centro de Portugal

Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

1. Introdução

Muitas são as motivações para o turismo. Desde as deslocações de tipo religioso que se perdem na bruma dos tempos e que, continuamente renovadas, se mantêm, até às deslocações de tipo desportivo que parecem ser cada vez mais importantes e mais variadas, não faltam motivações para o homem se deslocar sozinho ou em grupo à procura de algo que nunca viu ou de algo que tendo já visto lhe tenha agradado e queira ver de novo.

Entre as motivações que estão na moda encontram-se as florestas ou as simples plantações de árvores que não chegando a constituir florestas aparecem já como espaços arborizados de grande dimensão e beleza. E podem encontrar-se motivações diversas para as visitar. Vejamos três casos diferentes nas escalas e nas características.

A *Floresta Negra*, por exemplo, tornou-se famosa no tempo dos sanatórios para tuberculosos; procurada por indicação médica, não se transformou, todavia, numa floresta proibida para os não tuberculosos – pelo contrário, os “bons ares” que nela se respiravam atraíam muitos turistas com posses provenientes de todo o lado. Ainda hoje, apesar de muito atingida pelas consequências das chuvas ácidas, a *Floresta Negra*, com a grande diversidade de árvores do domínio temperado que a constituem, continua a atrair as pessoas. Os turistas continuam a aparecer, por um lado, em função da curiosidade, muitas vezes reminiscência dos estudos feitos na juventude, por outro lado, em função do conhecimento, que já se tem ou que se adquire nas Agências de Viagens, das sensações de paz e de calma oferecidas por aquelas paisagens. Às vezes grandiosas, às vezes de pormenor, sempre com o

predomínio das árvores, mas com a água de pequenos lagos dando o contraste, as paisagens da Floresta Negra são servidas por boas estradas e cidades típicas, mas também por hotéis e restaurantes de qualidade espalhados no seu interior. No entanto, a maioria dos turistas passa rapidamente pela floresta porque o que na realidade procura é História - os castelos não estão longe e eles sim é que atraem multidões. Além disso, mesmo em pleno Verão, a humidade é elevada e, com certa frequência, as temperaturas descem, chove e há trovoadas.

Bem mais recente como destino turístico é a *Floresta da Amazônia*. Passado que foi o tempo dos exploradores, dos soldados e dos políticos, lado a lado com os estudiosos, os missionários e, infelizmente, os especuladores, os turistas começaram a chegar recentemente e em número cada vez maior de ano para ano. A Floresta é imensa e o turismo não pode deixar de ser pontual. No caso do Brasil, imitando os povos ribeirinhos do grande Amazonas, alguns turistas deslocam-se em barcos, mas agora em belos barcos de cruzeiro; outros chegam em aviões de carreiras domésticas que servem várias cidades da região; outros, ainda, chegam a Manaus em aviões de longo curso, muitos dos quais viajando directamente de países europeus, americanos ou asiáticos. O aeroporto internacional Tancredo Neves, de Manaus, impressiona tanto pela sua localização em plena selva equatorial nas proximidades do Rio Negro, como pelo movimento de aviões das mais diversas companhias. Se alguns dos turistas ficam na grande cidade ou nas suas proximidades, a maior parte deles é imediatamente encaminhada primeiro para autocarros e depois para barcos que os conduzem a hotéis instalados em plena floresta, em regra com todas as comodidades, mas também com uma forte ligação às características ambientais do sítio onde se integram. Fiquem na cidade ou instalem-se em plena floresta, poucos turistas se vêem nas ruas do centro, na catedral, no teatro, nos museus, nos jardins ou no mercado de Manaus. Turismo ecológico? Sem dúvida, mas também um tanto de turismo espectáculo. Todos se internam pela floresta, em regra, recorrendo a barcos de excursão que param em locais previamente estabelecidos e quase sempre turisticamente preparados com vendas de artesanato e restaurantes, no mínimo com pequenas vendas de refrescos. A partir desses locais, é, por vezes, possível fazer percursos a pé por caminhos abertos na floresta ou em canoas motorizadas pelas estreitas passagens entre ilhas (igarapés). Os guias indicam o nome das principais árvores e dão múltiplas informações sobre flora, fauna e rio. No meio da floresta, os turistas têm a possibilidade de ver alguns animais, mas geralmente em cativeiro, que lhes são mostrados por crianças índias. Com um

pouco de atenção, em certas épocas do ano, até poderão ver desbravar a mata, seja através do corte das árvores de grande porte que a caracterizam, seja através de incêndios provocados pelo homem. O clima, de características equatoriais a subequatoriais, com muito calor e humidade, é penoso durante a maior parte do ano, mas será talvez o Amazonas, em época de águas altas e forte corrente que poderá criar maiores problemas ao turismo; para o turista, todavia, o risco maior será a possibilidade de contrair doenças, especialmente a malária, se para tal não estiver preparado.

Completamente diferente destas duas florestas, seja pela sua dimensão e situação, seja pelo tipo de árvores envolvidas, é a *Floresta das Landes da Gasconha*, em França. Pinheiros bravos e carvalhos robles predominam nesta floresta situada à beira mar, com boa acessibilidade por estrada e caminho de ferro, com algumas cidades grandes na sua periferia (Bordéus, Dax, Baiona) e pequenas cidades ou aldeias no seu interior, com um litoral arenoso, dunas e lagoas, mas com relativamente poucas praias preparadas para o turismo. Com hotéis de todas as categorias nas áreas urbanas periféricas, são raros os hotéis espalhados pelo interior das Landes, mas são muitos os parques de campismo. É uma floresta para os prazeres do Verão da zona temperada. Os turistas chegam todos os anos para passar vários dias, quando não um mês inteiro. Os que gostam de sol e mar têm praias devidamente organizadas e têm grandes extensões de areia ao longo do mar, quase sem intervenção humana; os que gostam de desportos náuticos preferem geralmente as lagoas; uns e outros podem apoiar-se na floresta, ali mesmo ao lado, seja para descansar, seja para actividades alternativas. Os que gostam de ciclismo ou cicloturismo aproveitam a extensa rede de estradas, muitas vezes estreitas, mas quase sempre de bom piso, sob a sombra da floresta. Os que gostam de passear a pé pelo interior da floresta têm, por vezes, percursos pré-estabelecidos com espaços para ginástica, mas têm também, quase sempre, muito espaço livre totalmente disponível para marchar. E tantos outros desportos ao ar livre se podem por lá encontrar... Mesmo os turistas itinerantes podem apreciar a beleza de algumas lagoas ou subir à maior duna da Europa (Duna de Pyla, perto de Arcachon - 117 m de altura) e disfrutar de uma paisagem de mar e de floresta verdadeiramente excepcional. A diversidade de actividades em contacto com a natureza é a grande característica desta floresta no que respeita ao turismo. Infelizmente, o risco de incêndio florestal é, por vezes, muito elevado no verão e os incêndios podem acontecer e ganhar proporções que exijam a evacuação de centenas ou até de milhares de pessoas. Também o risco

de ocorrência de tempestades de verão é grande sendo raro o ano em que não há algumas horas de chuva, vento e trovoadas de enorme violência, com a possibilidade de ocorrerem graves prejuízos num ou noutro ponto da floresta, por vezes, mesmo, com mortes a lamentar.

2. A Floresta das Gândaras e das Dunas do Centro-Litoral

Em Portugal nada há de comparável com a Floresta Negra e muito menos com a Floresta da Amazônia; mas há algo de semelhante à Floresta das Landes da Gasconha - ao longo do litoral do centro do país, numa extensão de um pouco mais de 100 km, desde a área de Aveiro até à área de São Pedro de Moel, temos uma importante cobertura verde com predomínio, por vezes quase a exclusividade, de pinheiros. O Pinhal do Rei ou Pinhal de Leiria é o mais conhecido, mas as Matas de Vagos, de Mira, da Tocha, de Quiaios, do Carriço, vão-se sucedendo de Norte para Sul sem grandes soluções de continuidade até ao Pinhal de Leiria. Também aqui, o mar está ao lado, com a sua costa arenosa, só interrompida pela Serra da Boa Viagem e pela foz do Mondego. Algumas praias, antigas aldeias de pescadores, estão hoje voltadas para o turismo de quem gosta de sol e mar e as dunas, mais ou menos consolidadas pela vegetação, por vezes mesmo pelos próprios pinheiros, impedem alguns cursos de água de atingir o mar criando assim várias lagoas, tendo até sido responsáveis pela criação de uma área lagunar, hoje localmente isolada por completo do mar (Barrinha de Mira).

A Floresta das Gândaras e das Dunas do centro-litoral português tem as estradas e os caminhos que permitem o acesso ao mar, como tem numerosas povoações de apoio, de dimensões variadas, desde pequenos lugares, aldeias e vilas no seu interior até cidades que lhe são já periféricas e que possuem boas instalações hoteleiras. No conjunto, também se encontram alguns parques de campismo. Quase tudo, naturalmente, é à escala do nosso país, seja em dimensão, seja em termos económicos. Há excepções pontuais muito apreciadas, mas, na generalidade, faltam estruturas capazes de generalizar a prática de desportos ideais para a floresta. E é pena, até porque o clima deste litoral arborizado oferece um Verão agradável, sem grandes riscos de tempestades, nem de incêndios florestais. Claro que estes representam ainda assim um certo risco, mas as suas manifestações têm sido relativamente raras (Vagos-Mira, 1987, e Mira-Quiaios, 1993, foram os mais importantes das últimas décadas - cfr. D. X. VIEGAS et al., 1987, e L. LOURENÇO, A. NUNES e F. REBELO, 1994).

A motivação sol-mar-desporto ao ar livre necessita de investimentos para atrair os veraneantes; se esses investimentos são apenas pontuais, fica a motivação "sol e mar" quase exclusiva a completar-se com o piquenique e o descanso à sombra das árvores... Mas também aí se deverão fazer investimentos mais generalizados tanto no sentido de prevenir fogos florestais, como no sentido de evitar a poluição da floresta pela acumulação de lixo, tão frequente e tão triste ao longo das estradas e nos sítios de melhores sombras com fáceis acessos. Anunciam-se grandes investimentos privados para esta área – um parque temático de grandes dimensões a Norte do Mondego poderá vir a ser o primeiro, mas o aproveitamento das pequenas lagoas, o traçado de percursos pedestres, a preparação de pistas para ciclismo de todo terreno (BTT) e de caminhos seguros para bicicletas de passeio será fundamental para o incremento de um turismo que poderá permanecer bem para lá do Verão.

3. Matas integradas em áreas turísticas

A maior parte das florestas ou matas de interesse turístico em Portugal são, todavia, de pequenas dimensões e não resistem a muito mais do que algumas horas ou um dia de visita.

Talvez o mais conhecido conjunto florestal de todos seja o da *Serra de Sintra*. A sua situação, próxima de Lisboa e do litoral do Estoril-Cascais, facilita o conhecimento pelos turistas estrangeiros; outros pontos de atracção turística, como o próprio núcleo urbano, o Palácio Nacional, o Palácio da Pena, o Castelo dos Mouros, o Palácio (Hotel) de Seteais, a Quinta de Monserrate, etc., permitem encher a jornada de quem aprecia a beleza de uma pequena floresta de árvores variadas, por vezes de grande porte, típicas de climas temperados e subtropicais, que o homem plantou e as características de calor e humidade locais favorecem. Há possibilidades de passear a pé em certos percursos, nem todos, porém, bem limpos e organizados. Trata-se, todavia, de uma bolsada verde numa pequena parte da Serra; nada que se compare, portanto, com a maioria da sua cobertura vegetal, especialmente nas áreas mais altas e na fachada Sul, onde pinheiros e eucaliptos têm sido atingidos por fogos florestais com certa frequência e desde há muito tempo – um dos mais devastadores e de consequências trágicas (25 mortos) ocorreu em Setembro de 1966 (L. LOURENÇO, 1991; F. REBELO, 1995).

Outro conjunto florestal de interesse turístico, em alguns pontos semelhante a Sintra, é o da *Mata dos Sete Montes*, em Tomar. Ocupando

as vertentes de um valeiro na base do núcleo monumental onde sobressaem as muralhas do Castelo, a Charola e o Convento, a Mata, com as suas diversas árvores de grande porte, sejam elas pinheiros mansos, eucaliptos, cedros ou outras, apresenta-se com uma frescura notável durante o Verão atraindo não só os habitantes da cidade, como também os numerosos excursionistas que por lá passam; muitos deles, infelizmente, limitam-se a observá-la de cima, durante a visita aos jardins do Convento. A proximidade de Fátima (cerca de 20 km) favorece a passagem de turistas motivados por aspectos religiosos, que, evidentemente, pouco tempo lhe dedicam; aliás, os apoios de que necessitariam para se demorarem algumas horas, embora próximos, estão fora dos limites da Mata, em pleno centro da cidade. No entanto, vários caminhos permitem curtos passeios a pé e é mesmo possível aceder por eles ao sítio do Castelo.

Mais para Norte, de novo no Centro do país, a *Mata do Buçaco* está ligeiramente mais afastada do centro urbano (Luso), mas não tanto que não permita bons passeios a pé às pessoas que aí se instalem para passar uns dias nas termas. Mais antiga do que as anteriores, plantada, predominantemente com cedros, pelos frades carmelitas descalços à volta do seu convento certamente entre o século XVI e o século XIX, ocupa uma parte da vertente ocidental da Serra do Buçaco. Tal como em Sintra, também aqui os incêndios, que têm devastado os pinhais e mais recentemente alguns eucaliptais das proximidades, vão poupando a Mata certamente devido às características climáticas locais, de grande humidade, que lhe correspondem e aos maiores cuidados que lhe são prestados. Os percursos pedestres e as estradas que atravessam a Mata do Buçaco nem sempre se encontram em bom estado, mas se além do interesse pela floresta em si, o visitante se interessar por arte e/ou por religião o passeio vale todos os sacrifícios. No seu interior encontra-se o Grande Hotel do Buçaco, ocupando um belo Palácio em estilo neomanuelino, ao lado do Convento, e na subida para a Cruz Alta, situada a mais de 500 metros de altitude permitindo uma vista magnífica para todos os quadrantes, há pequenas capelas de Via Sacra. Uma das maiores curiosidades desta Mata é o vale dos fetos onde se encontram espectaculares pteridófitas gigantes. A menos de 30 km de Coimbra, a Mata do Buçaco é ponto de visita obrigatória para os turistas que se demoram alguns dias na cidade, especialmente para os que têm alguns interesses ecológicos.

Também não muito longe de Coimbra (a cerca de 40 Km de distância), sobranceira à Figueira da Foz, tivemos, desde os inícios do século XX até 1993, na Serra da Boa Viagem, uma Mata de grande beleza

– a *Mata ou Parque Florestal Alberto Rei*. Complementar do turismo de sol e mar, esta Mata também atraía turismo de passagem interessado no enquadramento geral da região. Com pouco mais de 200 metros de altitude, com vertentes descendo abruptamente para o mar (Cabo Mondego), facultava dois miradouros relativamente bem cuidados - Vela, oferecendo a possibilidade de observar o estuário do Mondego, a cidade e a costa arenosa para Sul, e Bandeira (258 m), oferecendo a possibilidade de observar a costa arenosa e toda a mancha florestal de tipo "landes" das dunas de Quilais - Tocha - Mira, para Norte. Após o incêndio de Julho de 1993 (L. LOURENÇO, A. NUNES e F. REBELO, 1994), o primeiro destes miradouros ficou mais amplo e apareceram outros pontos que se poderiam transformar em extraordinários miradouros; mas a Mata ficou extremamente reduzida para muitos anos – quatro anos depois do incêndio, ainda choca viajar pela Serra, apesar dos trabalhos de replantação de espécies variadas que poderão vir a recompô-la dentro de alguns anos.

Perto do Buçaco, para Noroeste, outra área florestal de dimensões limitadas tem grande interesse turístico - é o *Parque da Curia*. Com termas e hotéis no seu interior, com um pequeno lago em grande parte artificial, é caracterizada por enormes árvores susceptíveis de oferecerem grande frescura nos dias quentes de verão. Os turistas visitam-na por isso mesmo ou porque necessitam de tratamento e/ou repouso nas termas. Em Coimbra, a pequeníssima Mata da Quinta das Lágrimas, por trás do Hotel do mesmo nome, com algumas árvores de grande porte, exerce iguais funções, mas para um ainda mais reduzido número de pessoas.

Todas estas matas, que apenas são referidas a título de exemplo entre as muitas com características semelhantes existentes um pouco por todo o país, têm em comum o facto de se integrarem em conjuntos já de si importantes do ponto de vista turístico, com diversidade de oferta.

4. *Matas a desenvolver turisticamente*

De certo modo diferentes, porque não estão ligadas a monumentos, termas ou hotéis de grande interesse turístico, são outras pequenas matas aproveitadas para actividades de ar livre que podemos encontrar também um pouco por todo o lado e que estão particularmente bem representadas em Coimbra.

A *Mata do Choupal*, por exemplo, "situada na planície aluvial do Mondego, a jusante da cidade, a cotas de 15-16 metros, entre o canal

estabelecido nos finais do século XVIII, princípios do século XIX, na sequência dos estudos de regularização do leito elaborados pelo Padre Estêvão Cabral, e um velho canal, a Norte do anterior, mais estreito, a que se chama Vagem Grande", (...) "alonga-se por quase 2 Km e apresenta uma largura média próxima dos 200 metros" (F. REBELO, L. CUNHA e A. C. ALMEIDA, 1990). Apesar de ter sofrido muito com as recentes obras de regularização do Mondego, continua a servir de ponto de encontro para desportistas de fim de tarde ou de fim de semana e poderá em breve recuperar grande parte da sua fama com a melhoria das acessibilidades que já se começa a notar. Talvez os turistas a venham visitar tanto pelo seu interesse do ponto de vista ecológico, como pela carga sentimental que o seu nome ainda tem no respeitante à ligação com a vida académica do passado.

Para pequenos passeios a pé ou mesmo para a prática de alguns desportos de ar livre, como o ciclismo de todo o terreno (BTT), também a *Mata do Vale de Canas*, situada a cerca de 3 Km a leste de Coimbra, desde 270 metros de altitude até quase ao Mondego "descendo as vertentes de um profundo vale seu afluente pela margem direita" (*idem, ibidem*), é razoavelmente procurada pelos habitantes da cidade; a beleza da paisagem é, também, um atractivo para turistas, que por lá aparecem com certa frequência, já que, "da extremidade Sueste do jardim, de um pequeno miradouro, pode dominar-se uma grande parte da Mata onde se destacam, ocupando uma área de cabeceiras do vale afluente do Mondego, bem como a sua vertente da margem direita, eucaliptos antigos, de grande porte (50-70 metros de altura, lado a lado com pinheiros e várias outras espécies de dimensões muito variadas" (*idem, ibidem*). Estes eucaliptos têm sido considerados os maiores da Europa.

Duas outras matas poderiam ser melhor aproveitadas para o turismo no interior da cidade de Coimbra. A *Mata de Santa Cruz*, hoje pouco mais do que um parque urbano apertado entre ruas de grande movimento, é o que resta da antiga mata monacal da Ribela, que prolongava para montante os terrenos agrícolas do Mosteiro de Santa Cruz; apesar de pequena (cerca de 6 hectares), "com grande diversidade de árvores plantadas em momentos diferentes, algumas de características mediterrâneas, outras folhudas, como choupos, tílias, plátanos, mas também cedros de grandes dimensões" (*idem, ibidem*), é muito apreciada pelos poucos turistas nacionais e estrangeiros que a visitam, mas que, por vezes, se interessam mais pelos pormenores do arranjo paisagístico (escadas, estátuas, azulejos) do que pelas árvores e pelos arbustos. Por sua vez, a *Mata do Instituto Botânico*, "com cerca de

200 metros na sua maior extensão, descendo do Jardim Botânico para Oeste, na vertente da margem direita do Mondego e ocupando aí grande parte de um valeiro afluente" (*idem, ibidem*), foi, em tempos, um recanto que complementava bem uma visita ao jardim: a frescura e a beleza de muitas das suas árvores podia voltar a atrair alguns turistas durante o Verão se os seus portões de ferro se abrissem; acima de tudo, esta mata poderá ter uma função pedagógica importante se se vierem a consolidar e a intensificar as visitas guiadas que este ano (1997) se iniciaram no Jardim Botânico.

Mais algumas Matas de características semelhantes poderíamos acrescentar. Estão dispersas pelo país desde o Minho até ao Algarve. Dir-se-á que cada uma delas é uma espécie de pequena floresta muito ligada ao homem, tanto nas suas origens, como no seu desenvolvimento. Em princípio, só por si, não atraem o turismo, mas integram-se bem em circuitos turísticos com diversidade de pontos de interesse; no mínimo, apoiam um turismo local especializado.

Completamente diferentes de todas as florestas ou pequenas matas apresentadas são as que se conservam em áreas rurais, longe dos centros turísticos e de difícil integração nos circuitos vendáveis. Como exemplo, referimos apenas uma, situada no interior do país, em plena Cordilheira Central, na área de Arganil-Coja, a uns 70-80 km de Coimbra: a *Mata da Margaraça*. Constituída por árvores do domínio florestal temperado, principalmente por carvalhos e castanheiros, esta relíquia de floresta aparece como um autêntico oásis natural no meio de uma mancha de pinhais que teima em reaparecer após cada fogo florestal que por ali se manifesta. Apesar da localização numa vertente voltada a Noroeste, que lhe confere uma certa humidade e frescura no verão, a Mata da Margaraça não está imune ao risco de incêndio florestal, como se comprovou há poucos anos em parte dela. Com falta de apoios logísticos, excepto em Arganil e Coja, a mais de 10 quilómetros de distância, servida por estradas estreitas, curvilíneas e sem protecções apesar dos precipícios que as ladeiam, sem grandes monumentos que lhe atraiam turistas, esta Mata, considerada paisagem protegida onde (teoricamente) apenas se permite a passagem das viaturas dos habitantes de duas aldeias próximas, tem estado reservada, quase em exclusivo, a um incipiente turismo ecológico. Todavia, para quem segue as indicações colocadas nas estradas a partir de Coja, a chegada à Mata é uma desilusão - além da tabuleta com o nome da Mata, de uma outra com a indicação da proibição da passagem a quem não habitar nessas aldeias e de uma terceira com algo que deverá ter sido uma apresentação de tipos de árvores, mas que hoje (16 de

Outubro de 1997) não se percebe o que significa, nada mais há. Ou seja, nem o turismo ecológico é incentivado. No entanto, as paisagens de média montanha em que se integra são por vezes espectaculares, algumas aldeias alcandoradas ou magnificamente enquadradas em vertentes extensas são de uma beleza espantosa e os vestígios já arqueológicos de uma vida rural quase desaparecida são elementos mais do que suficientes para a atracção de um turismo especializado, de ar livre, para o qual até já há, na área, parques de campismo bem localizados.

5. Conclusões e sugestões

Num prospecto de propaganda da Comissão de Coordenação da Região Centro, não datado, mas que pensamos ser de 1993, fala-se da importância da floresta em toda a área da sua jurisdição, particularmente da superfície ocupada pelo pinhal. Quando, logo a seguir, se referem as potencialidades turísticas, fala-se de tudo menos da floresta.

A verdade, porém, é que as populações urbanas apreciam cada vez mais a beleza do verde e a calma que lhes é transmitida pelas paisagens florestais. Podem não apreciar muito a monotonia das grandes extensões de pinheiros ou de eucaliptos, quando ainda jovens, mas deleitam-se com pinhais ou eucaliptais quando, já antigos e em áreas acessíveis, dão sombra e permitem passeios a pé ou de bicicleta, marcha ou corrida, ginástica ou descanso. No caso das florestas de carvalhos e/ou de castanheiros, que sob a forma de autênticas relíquias ainda se podem encontrar no Centro e no Norte de Portugal, poderá acrescentar-se uma certa magia das estações do ano – porque, além de todas aquelas possibilidades, há o verde claro do despontar das folhas na Primavera, o verde vivo e a sombra no Verão e as múltiplas tonalidades das folhas no Outono. Mas no nosso país temos ainda a floresta mediterrânea. Os montados de sobreiro do Alentejo, quando de grande densidade, atingem elevados graus de beleza em qualquer época do ano. Os extensos pinhais de pinheiro manso, por exemplo da área de transição Ribatejo-Alentejo ou de certas áreas do Algarve, também quando muito densos, são igualmente de grande beleza. A mistura de árvores como pinheiros mansos, cedros, ciprestes, azinheiras, etc, associada, no Verão, ao canto das cigarras, que, por vezes, se salienta em certos recantos das serras calcárias transporta-nos para o encanto das paisagens mais típicas do Mediterrâneo.

Muito poucas destas florestas são classificadas e dependentes do Instituto de Conservação da Natureza. No entanto, a ver pela Mata da Margaraça, isso também pode significar relativamente pouco.

Conhecemos estas paisagens florestais de passagem – vêmo-las de dentro do automóvel. Que fazer para as tornar atractivas em termos turísticos? Permitimo-nos sugerir que cada Câmara Municipal escolha, ao menos, uma pequena Mata, de entre as que estão no interior do seu território, e a prepare para o turismo. Primeiro, será necessário arranjar parques de estacionamento com um mínimo de condições, à semelhança do que se faz nas auto-estradas. Depois, preparar percursos pelo interior da Mata escolhida para quem quiser passar lá uma hora ou duas horas ou três horas... Colocar indicações sobre as árvores existentes para que o turista possa saber, por exemplo, o nome e a idade aproximada das árvores mais importantes. Instalar centros de informação turística que estejam preparados para responder a questões ecológicas, mas que também possam ajudar o turista em termos do artesanato ou da história local. Finalmente, não esquecer a manutenção do sítio, que deve ser limpo para ser atractivo.

Para que a sugestão não fique demasiado teórica, vejamos alguns exemplos de áreas florestais não muito longe de Coimbra onde se poderiam estabelecer sítios de interesse turístico com a dignidade que tanto a floresta como o turista merecem.

Ao lado da estrada Coimbra-Tomar, na área do Avelar, do mesmo modo que na estrada do Avelar para Pombal, há boas manchas de carvalhos robles que deveriam ser aproveitadas para esse fim. Perto de Condeixa, na mesma estrada para Tomar, a Mata da Abofarda está abandonada, quando devia ser um pulmão verde para os habitantes da vila e um lugar de repouso para os turistas que por ali passam em grande número - "apesar de não ser totalmente natural, apresenta, sobre solos de natureza gresoconglomerática, manchas quase estromes de sobreiros e de carvalhos portugueses e um sub-bosque rico em espécies mediterrâneas e atlânticas" (F. REBELO, L. CUNHA e A. C. ALMEIDA, 1990). Logo a seguir, para Leste, nas proximidades do entroncamento com a estrada para Miranda do Corvo, uma mata verdadeiramente mediterrânea com grande mistura de árvores podia servir para aproveitamento turístico ao lado da estrada – é um espaço que sugere certos locais da Itália fazendo-nos compreender melhor a instalação dos romanos em Conimbriga. Também ao lado da estrada, no caso, a estrada Coimbra-Figueira da Foz, situada nas colinas calcárias de Santa Eulália e Ferrestelo, há uma pequena mata "onde ainda se pode ter uma ideia da vegetação natural da região. Salientam-se belos exemplares de carvalhos portugueses sobressaindo de um emaranhado de espécies arbustivas" (*idem, ibidem*).

As Câmaras Municipais conhecem bem os seus espaços. Só precisam de uma decisão para a escolha do sítio, de bom gosto para o preparar e de muita atenção para o manter em condições dignas. Os custos talvez não sejam grandes e com alguma imaginação até podem corresponder a bons investimentos.

Referências Bibliográficas

- LOURENÇO, Luciano (1991) – "Aspectos sócio-económicos dos incêndios florestais em Portugal". Biblos, Coimbra, 67, p. 373-385.
- LOURENÇO, Luciano, NUNES, Adélia e REBELO, Fernando (1994) – "Os grandes incêndios florestais registados em 1993 na fachada costeira ocidental de Portugal Continental". Territorium, Coimbra, 1, p. 43-61.
- REBELO (1995) – "Os conceitos de risco, perigo e crise e a sua aplicação ao estudo dos grandes incêndios florestais". Biblos, Coimbra, 71, p. 511-527.
- REBELO, Fernando, CUNHA, Lúcio e ALMEIDA, A. Campar de (1990) – "Contribuição da Geografia Física para a inventariação das potencialidades turísticas do Baixo Mondego". Cadernos de Geografia, Coimbra, 9, p. 3-34.
- VIEGAS, D. Xavier, LOURENÇO, L., NETO, L., PAIS, M.T., REIS, J. e FERREIRA, A. (1987) – Análise do Incêndio Florestal ocorrido em Vagos/Mira. 27/29 Julho 1987. Coimbra, Centro de Mecânica de Fluidos, 46 p. (Relatório policopiado).

Pres. Jaime Soares e Dr^a. Madalena Carrito

A importância da floresta no desenvolvimento turístico regional

Câmara Municipal e Escola C+S de Poiares

Resumo

1. Área de intervenção

- Preservação do património local
- Valorização dos recursos naturais
- Apoio ao investimento privado
- Mobilização directa de actividades produtivas
- Aplicação de energias renováveis
- Desenvolvimento de infraestruturas de investigação e formação

2. Cooperação Autarquia / Escolas

Ex: Escola Municipal do Ambiente – Construção do Cidadão do Futuro

- Sensibilização da população escolar e da população em geral
- Aposta na qualidade do ambiente
- Plantação e reflorestação
- Limpeza dos espaços
- Fomento de actividades de lazer e de promoção de vida saudável
- Aplicação de novas práticas e metodologias

Prof. Doutora Fernanda Cravidão

A Floresta, o Turismo e o Cidadão

Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Resumo

Estará, provavelmente, muito próximo da realidade, afirmar que desde sempre o Homem e a floresta conviveram. Frequentemente de um modo passivo, cúmplice e afectivo e, algumas vezes, em forma de conflito mais ou menos latente. Esta dialéctica reflecte em grande medida por um lado, a evolução da sociedade e, por outro a "divisão" do Mundo em países desenvolvidos e países em desenvolvimento. Nas sociedades ditas desenvolvidas a floresta desaparece à velocidade com que se constroem redes viárias, se urbaniza o território...e tendo frequentemente os incêndios como pano de fundo.

Portugal, situado na bacia mediterrânea, não fica alheio a todo este processo. A partir de determinado momento, o Turismo surge como uma das chaves para impedir que as portas da destruição continuem a abrir-se. Qual o papel que lhe cabe? E o cidadão, qual a sua relação com a floresta e com o turismo? Serão algumas das questões sobre as quais tentaremos fazer alguma reflexão.

Participants

Adelaide Espiga
 IPAMB - Instituto de Promoção Ambiental
 Adelino da Silva Francisco
 EB 2,3 D. Duarte
 Adriana Lopes Martins
 Secundária de Porto de Mós
 Agostinho Lucas dos Santos Vasco
 Secundária de Tábua
 Aida Maria V. M. da C. Cravinho
 EB 1,2,3 de Lagares da Beira
 Albano Manuel Ferreira Costa
 Secundária nº 3 da Covilhã
 Albano Ribeiro de Almeida
 Serviço Nacional de Protecção Civil
 Alberto Rui Monteiro Silva
 EB 2,3 Vieira de Araújo
 Alda Vieira
 Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral
 Alda Maria Alves Dias Cardoso
 Secundária Dr. João Lopes de Moraes
 Alexandra Margarida Trigo Silva
 Secundária D. Duarte
 Alexandra Paula Ferreira
 EB 2,3 Prof. José Buisel
 Alexandre Filipe Neves Fialho Monge
 EB 2,3 de Minde
 Alexandre José Rebelo Taveira
 EB 2,3 José dos Anjos
 Alfredo Luis Monteiro Silva
 Secundária de Vieira do Minho
 Alice Manuela Aragão
 EB 2,3 de Alfândega da Fé
 Aloísio dos Santos Felício
 EB 2,3 Gonçalo Nunes
 Amândio Torres
 Direcção Geral das Florestas
 Amélia de Fátima Ferreira Fernandes Moraes
 EB 2,3 de Monte da Oia
 Americo da Assunção Nunes
 Secundária Pinhal Novo
 Ana Carla Cristina de Oliveira Dias
 Secundária de Sever do Vouga

Ana Cristina Fernandes
EB 2,3 de Ourém

Ana Cristina Pinheiro
EB 2,3 Dr. António de Sousa Agostinho

Ana Cristina da Fonte Gonçalves
EB 2,3 de Manhente

Ana Cristina T. de Oliveira Mesquita
EB 2,3 de Freixianda

Ana Cristina Caetano Olhoa
Secundária de Carvalhais

Ana Ester Sousa Andrade Gomes Dias
Secundária Dr. João Lopes de Moraes

Ana Fernanda Pereira Metelo Bento
EB 2,3 de Guilherme Stephens

Ana Filomena Gabriel Matos
EB 2,3 Dr. Correia Alexandre

Ana Isabel Marques Santos Sousa
Secundária de Tábua

Ana Luisa Magalhães Veloso
Secundária Artur Gonçalves

Ana Luisa Videira Alves
Secundária de Moimenta da Beira

Ana Mafalda Távora P. S. e Bourbon
EB 2,3 de Cabeceiras de Basto

Ana Margarida Cardoso Alves
EB 2,3 de Proença-a-Nova

Ana Margarida da Fonseca Ribeiro
Secundária Dr. Flávio Pinto Resende

Ana Margarida Oliveira Capelo
EB 2,3 Dr. Abranches Ferrão

Ana Margarida P. Fernandes
Secundária Artur Gonçalves

Ana Maria Paupério
Secundária da Boa Nova

Ana Maria Lopes Saraiva
Secundária Padre Alberto Neto

Ana Matilde Chiote Reais Gouveia
EB 2,3 de Freixo de Espada à Cinta

Ana Paula Pais
EB 2,3 de S. Vicente da Beira

Ana Paula Cruz Rodrigues Alves
EB 2,3 de Campo de Besteiros

Berta Maria BemHaja
EB 2,3 de Cantanhede

Branca L. de Melo Monteiro Dias
Secundária D. Afonso Henriques

Bruno Augusto Teixeira Almeida
Secundária de Amares

Carla Paiva
EB 2,3 de Silves

Carla Alexandra G. Porto
EB 1,2,3 de Lagares da Beira

Carla Maria Frazão
EB 2,3 de Ourém

Carla Maria Pires
Secundária de Carvalhais

Carla Maria Pires Ferreira
EB 2,3 Maceira Lis

Carla Sofia Carvalho Agostinho
EB 2,3 Maceira Lis

Carla Sofia Costa Moura
EB 2,3 Dr. Daniel de Matos

Carlos Alberto dos Santos Naré Silva
EB 2,3 de Ourique

Carlos Alberto Bastos Reis
EB 2,3 de Arazede

Carlos Alberto de Oliveira Guerra
Parque Natural da Serra de Montesinho

Carlos Alberto Latas Pegacha
EB 2 D. Luís de Mendonça Furtado

Carlos Alberto Marques Valente Couras
EB 2,3 Prof. Dr. Egas Moniz

Carlos Alberto Pinheiro Lopes
EB 2,3 de Oliveirinha

Carlos Alberto Salgado Martinho
Instituto Pedro Hispano

Carlos Fernandes da Silva
Universidade do Minho

Carlos Manuel Romeirão Simões Palma
EB 2,3 de S. Martinho do Porto

Carminda Manuela Correia Abreu
Escola Profissional Agrícola de Fermil Basto

Cecilia Maria Caniné Ramos
EB 1,2,3 de Santa Catarina

Cecília Maria Lopes Martinho Pereira
EB 2,3 de São Pedro d'Alva

Cecília Maria Serrano C.A. Gaspar
EB 2,3 do Viso

Célia Belo Silva
EB 2,3 do Caramulo

Célia Maria Caseiro Marques
EB 2,3 do Viso

Célia Maria Magalhães B. Teixeira Afra
Secundária de Porto de Mós

Célia Maria Martins Roque
EB 2,3 Dr. Abranches Ferrão

César António Bolito Domingues
Secundária de Castro Daire

Cilene Maria Pereira Carvalho
EB 2,3 de Ceira

Cisnando Ferreira
EB 2 de Miranda do Douro

Clara Maria Costa Cardanho
EB 2,3 da Pedrulha

Cláudia Maria Martins Gomes
EB 2,3 de Ourique

Cláudia Marques Amaral
EB 2,3 D. Moisés Alves de Pinho

Cláudia Sofia Farinha André
EB 2,3 de Proença-a-Nova

Cláudia Susana Marques Teixeira
Secundária Artur Gonçalves

Constança Maria Ribeiro Maia
EB 2,3 Professor Carlos Teixeira

Cristina Moniz
Secundária Frei Heitor Pinto

Cristina de Fátima Valente Pereira
Secundária Miguel Torga

Cristina Margarida Fontes Duarte
EB 2 Dr. José Santos Bessa

Cristina Maria Afonso de Oliveira Prata
EB 2,3 de São Pedro d'Alva

Cristina Maria G. Rodrigues
CNEFF - Delegada

Cristina Maria Rodrigues Almeida
EB 2,3 de Monte da Ola

Cristina Maria Rodrigues Canas
 Secundária Adolfo Portela
 Cristina Maria Rodrigues Ferreira
 Secundária de Tondela
 Cristina Maria Valente G. M. Viveiros
 Secundária de Caldas de Vizela
 Daniela Maria C. Barbosa Silva
 Secundária de Estarreja
 Dário Joaquim Leitão Leitão
 EB 2,3 D. João IV
 Diamantino Joaquim Aires Nogueiro
 EB 2 de Resende
 Dina Maria Rodrigues Mota
 Secundária de Tondela
 Domingos António Caseiro Pinto
 Profissional Agrícola de Fermil Basto
 Dulce Celeste Nunes A. Maia
 EB 2,3 Padre Donaciano de Abreu Freire
 Dulce Maria Franco
 EB 2,3 da Pontinha
 Dulce Maria Guilhoto Loureiro
 Secundária Latino Coelho
 Eduardo Naia
 Secundária Dr^a. Laura Ayres
 Élia Maria Paula Pereira
 EB 2,3 de Cabeceiras de Basto
 Elisa Fernanda F. Pimenta Machado Ferreira
 EB 2,3 de Amares
 Elsa Jorge Ramos
 EB 2,3 Maceira Lis
 Elsa Maria Abrantes de T. Rebelo
 EB 2,3 Diogo Cão
 Elsa Maria dos Santos Carmona Pires
 EB 1,2,3 do Crato
 Elsa Maria F. M. Silva Monteiro
 EB 2,3 Sacadura Cabral
 Elvira Alves Anselmo Vieira Marinho
 EB 2,3 de S. Domingos
 Elvira Maria Salvado Martins Barata
 EB 2,3 José Silvestre Ribeiro
 Emília M. Daniel Marques Leitão
 Direcção de Serviços de Florestas - DRARO

- Estela Maria Belo Morgado
EB 1,2,3 de Santa Catarina
- Eugénio Pereira Pacheco
Secundária Emídio Navarro
- Eva de Lurdes Matos Ferreira
EB 2 de Vouzela
- Faustino Agante Pinho dos Santos
Bombeiros Voluntários da Pampilhosa
- Fernanda Cravidão
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- Fernanda da Conceição Borges Ferreira Morais
EB 2,3 D. Moisés Alves de Pinho
- Fernanda de Jesus Neto Martins
EB 2,3 Professor Carlos Teixeira
- Fernanda Maria Marques
Secundária Artur Gonçalves
- Fernanda Maria Ramos
EB 2,3 de Paços de Brandão
- Fernanda Maria da Silva Fernandes
Secundária D. Nuno Álvares Pereira
- Fernanda Maria Ferreira Carneiro
EB 2,3 de Manhente
- Fernanda Paula Silva
EB 2 de Mira
- Fernanda Ramos de Pina F.A. Sousa
EB 2,3 José Silvestre Ribeiro
- Fernando Fernandes
Secundária Dr^a. Laura Ayres
- Fernando Rebelo
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- Fernando Jorge Ferreira Lopes
EB 2,3 de Barcelinhos
- Fernando José Magalhães Diogo
EB 2,3 de Avintes
- Fernando Luís Silva
EB 2,3 Mestre Domingos Saraiva
- Filipa Alexandra Vences Marques
Instituto Educativo de Lordemão
- Filipa Varela Soares Gouveia
EB 2,3 do Caramulo
- Firmino António Pinto Reduto
EB 2,3 de Sernancelhe

Flora Maria Castanheira
EB 2,3 de Avintes

Francisco José Lopes
Sub-Delegado da CNEFF

Francisco José F. G. P. Sousa
EB 2,3 de Aradas

Francisco José Soares Gomes Areias
EB 2,3 de Briteiros

Francisco Pedro Encarnação Pinto Bravo
Delegação de Coimbra do I.C.N.

Francisco Rui Marques Lopes Fonseca
EB 2,3 Padre António Morais da Fonseca

Francisco Silva Costa
EB 2,3 do Marão - Várzea

Francisco Vaz Lourenço
Delegação Distrital de Castelo Branco do S.N.P.C.

Frederica Helena D. C. Sampaio
Secundária de Caldas de Vizela

Gilberto Pedrosa Nunes
EB 2,3 de Ceira

Gina Maria Maia Ferreira
EB 2,3 de Minde

Graça Maria Andrade Mira Antunes Silva
Secundária Madeira Torres

Graça Maria Consul Lúcio Simões Dias
Secundária D. Dinis

Graça Maria Ferreira Galiano
EB 2,3 do Caramulo

Gracinda Isabel Pereira
Secundária de Caldas de Vizela

Gracinda Maria Fernandes Ribeiro Figueiredo
EB 2,3 de Valongo do Vouga

Helder António C. Marto
EB 2,3 de Santa Catarina da Serra

Helena Clara Ferreira Lopes Coelho
Secundária de Porto de Mós

Helena Maria da Silva Roque
EBI do Centro de Portugal

Helena Maria da Silva Pires de Carvalho
Secundária José Falcão

Hermano Manuel G. Nunes Almeida
Delegado da CNEFF - Coimbra

Hernâni Jorge Luis Soares
 Secundária de Sever do Vouga
 Hernâni Manuel Ferreira Domingos
 EB 2,3 de Coruche
 Horácio Pedro Pereira das Neves
 Secundária de Tondela
 Ilídio Granjo Vaz
 EB 2 de Mogadouro
 Ilísio Santos Aveiro
 EB 2 Dr. José Santos Bessa
 Isabel Ribeiro
 Secundária Frei Heitor Pinto
 Isabel Ester Corredeira
 EB 2 de Miranda do Douro
 Isabel Maria Figueiredo
 EB 2,3 de Murça
 Isabel Maria Madeira
 EB 2,3 de Cantanhede
 Isabel Maria Benquerença Marto
 EB 2,3 de Freixianda
 Isabel Maria Costa Monteiro
 EB 2,3 de Manteigas
 Isabel Maria dos Santos P. Loureiro Dias
 EB 2,3 de Cantanhede
 Isabel Maria Mendes Galvão
 Externato Capitão Santiago de Carvalho
 Isabel Maria Seabra Ferreira Pinto
 Secundária de Ponte de Sôr
 Isabel Maria Silva Cruz
 EB 2,3 de Freixo de Espada à Cinta
 Isabel Maria Sousa Ribeiro Batalha Machado
 Secundária Latino Coelho
 Isabel Maria Teixeira Passos
 EB 2,3 de Aradas
 Isabel Rute Pereira Barreiro
 EB 2,3 de Anadia
 Isabel Stichini Santos
 EBI de Gualdim Pais
 Isaura Maria de Abreu Rodrigues Duarte
 Secundária de Tábua
 Isilda Paiscão Valente Monteiro
 EB 2,3 Gomes Eanes de Azurara

- Jaime Soares
Câmara Municipal de Vila Nova de Poiares
- João Augusto Cides Pinheiro
Delegação Distrital de Protecção Civil de Bragança
- João Baptista Estrócio
EB 2,3 Diogo Cão
- João Barroso Cunha Montes
EB 2,3 D. Maria II
- João Eduardo Enes Soares
EB 2,3 de Barcelinhos
- João Fernando Goulão Pinto
Coordenação Área Educativa de Castelo Branco
- João José Esteves Xavier
EB 2,3 de Tortosendo
- João José Nunes Belo
Secundária Nuno Álvares
- João Júlio Correia Magusto
Secundária José Falcão
- João Luis da Silva
EB 2,3 de Freixo de Espada à Cinta
- João Manuel Santos
EB 2 Dr. Luciano Justo Ramos
- João Manuel Lima Louceiro
EB 2,3 Pampilhosa do Botão
- João Manuel Vieira da Cunha
EB 2,3 de Amarante
- João Paulo dos Reis Simões
Secundária de Penacova
- João Paulo Lopes Correia
EB 2,3 Dr. Daniel de Matos
- João Paulo Ramos D. Mineiro
Secundária nº 3 da Covilhã
- João Sérgio Marques Rodrigues
EB 2,3 de Manhente
- Joaquim António Silva
Secundária de Santa Comba Dão
- Joaquim Leonardo Martins
EB 2,3 Afonso Paiva
- Jorge Paiva
Instituto Botânico - Universidade de Coimbra
- Jorge António Bernardo
CNEFF

Jorge Manuel Sá
 Secundária de Pombal
 Jorge Manuel Antunes Martins
 EB 2,3 de Tortosendo
 Jorge Manuel Monteiro Correia
 EB 2 de Carregal do Sal
 José Freixo
 Câmara Municipal de Coimbra
 José Martins
 Secundária D. Duarte
 José Alberto Matos Loureiro Silva Pereira
 Agrupamento 470 - Cete do Corpo Nacional de Escutas
 José Alberto Santos Antunes
 EB 2,3 de Vila Nova da Barquinha
 José António Calado Fernandes Pereira
 Secundária Pinhal do Rei
 José António Correia Ferreira Coelho
 Colégio Andrade Corvo
 José António Marques Moreira
 EB 2,3 de Anadia
 José Augusto Calqueiro
 Secundária Dr. José Afonso
 José Augusto de Melo Ferreira
 EB 2,3 de Toutosa
 José Gabriel Martins Borges
 Delegação da Protecção Civil de Vila Real
 José Joaquim Letras Pinheiro
 EBI Frei Manuel Cardoso
 José Manuel Abreu Carvalho
 Secundária de Carregal do Sal
 José Manuel Esteves Marques Janela
 Secundária de Ponte de Sôr
 José Manuel Marques Ferreira Machado
 EB 2,3 Dr. Azeredo Perdigão
 José Maria Ferreira
 Secundária de Ponte de Sôr
 José Mendonça Freitas
 Secundária D. Duarte
 José Pedro Oliveira Lopes
 Serviço Nacional de Bombeiros
 José Rui Reis Pessoa
 Secundária de Carregal do Sal

- José Silva F. Carvalho
Secundária Emídio Navarro
- Júlia Maria Antunes Valente
EB 2,3 de Proença-a-Nova
- Júlia Maria Figueiredo Almeida
EB 2,3 de Alfândega da Fé
- Leonel José Antunes Gouveia
Secundária de Santa Comba Dão
- Lia Gabriela Gouveia Santos
Secundária de Tábua
- Lídia da Silva Nunes Maia Cunha
EB 2,3 D. Moisés Alves de Pinho
- Lídia Macedo da Silva Fernandes Costa
EB 2,3 da Pedrulha
- Linhares de Castro
Coordenador da Área Educativa do Centro
- Lino José Almeida Quadros Nossa
Delegação de Coimbra do I.C.N.
- Lucília Almeida
Secundária Frei Heitor Pinto
- Lucinda Pinto
EB 2,3 de Sernancelhe
- Lúcio Cunha
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- Ludovina da Conceição Fidalgo Santo
Secundária do Cartaxo
- Ludovina Homem Requeijó Branco
Secundária Maria Lamas
- Luis Gomes
Secundária Frei Gonçalo Azevedo
- Luis Alberto de Albuquerque P. R. Albuquerque
EB 2,3 da Pontinha
- Luis Carlos Teixeira Castro Novais
EB 2,3 de Gandarela
- Luis Fernando Nunes Vieira
EB 2,3 de Toutosa
- Luis Godinho Nunes
EB 2,3 de Santa Catarina da Serra
- Luis Guilherme Geadá
EB 2,3 de Baião
- Luis Manuel Santos Camões
EB 1,2,3 de Santa Catarina

Luis Manuel Soares da C. Alves
 EB 2,3 D. Duarte
 Luis Miguel Nobre Gonçalves
 EB 2,3 de Ourique
 Luisa Maria Ferraz da Silva Pereira
 Colégio Andrade Corvo
 Luisa Palhas da Silva
 EB 2,3 de S.Vicente da Beira
 Luisa Vitória Salcedas Mendes
 Secundária D. Duarte
 Lusitana Maria Gonçalves
 EB 2,3 de Oliveira do Hospital
 Mafalda Isabel Cardoso da Fonseca Ferrão
 EBI do Centro de Portugal
 Manuel Alexandre Lucas de Matos Calheiros
 EB 2,3 de S. Domingos
 Manuel Alexandre Maurício Milheiro
 EBI do Centro de Portugal
 Manuel António Lima Torres Ribeiro
 EBI de Forjães
 Manuel Francisco Nunes Caldeira
 EB 2,3 de Coruche
 Manuel Joaquim Flores Fernandes
 EB 2,3 de Cabeceiras de Basto
 Manuel Moreira Machado
 EB 2,3 Dr.Abranches Ferrão
 Manuel Ramiro Dias Pastorinho
 Colégio de S.Teotónio
 Manuel Vieira da Cruz Rodrigues
 Externato Capitão Santiago de Carvalho
 Manuela Bento
 Secundária Frei Heitor Pinto
 Manuela Carvalho
 EB 2,3 de S.Vicente da Beira
 Manuela Lopes
 EB 2,3 de Silvares
 Manuela Tapadinhas
 Secundária D. Duarte
 Manuela Judite Matinho Pereira
 EB 2,3 de Ourém
 Margarida Benigna Rodrigues
 EB 2,3 de Vinhais

Margarida Maria de Jesus Santos
EB 2 Dr. José Santos Bessa

Margarida Maria Reis Gomes
Secundária de Alcanena

Margarida Maria Salazar Alves Vizeu
EB 2,3 de Ceira

Margarida Monteiro Pinto
Secundária Artur Gonçalves

Maria Albertina Correia Sequeira Lemos
EB 2,3 da Pedrulha

Maria Alexandra Ferreira Henriques
EB 2,3 da Gafanha da Encarnação

Maria Alice Fernandes da Rocha Pereira
Colégio de S. Teotónio

Maria Andreolina Enes Moreira Nogueira
EB 2,3 de Oliveirinha

Maria Angelina de Lima Pimenta
EB 2,3 de Manhente

Maria Antónia Passeira Branco
EB 2,3 Visconde de Vila Maior

Maria Armanda Cacela G. Meneses Silva
Secundária de Porto de Mós

Maria Augusta Faria Galvão
EB 2 de Albergaria-a-Velha

Maria Casimira Pinheiro M. da Silva Rés
Secundária Adolfo Portela

Maria Clara Araújo Gonçalves Ferreira
EB 2,3 de Amares

Maria Clara Silva Rodrigues
EB 2 de Ilhavo

Maria Conceição Sousa Tavares
EB 2,3 de S. João da Ponte

Maria Cristina Henriques Pinheiro
EB 2,3 Pampilhosa do Botão

Maria Cristina Rodrigues Lourenço Borges
EB 1,2 de Marzovelos

Maria Cristina Rosa de Sousa Cardoso
Secundária José Loureiro Botas

Maria da Conceição Fernandes
Secundária Dr. João Lopes de Moraes

Maria da Conceição Grade de Sousa Piscarreta
EB 2,3 do Paúl

- Maria da Conceição Lopes da Silva Simões
EB 2,3 de S. Martinho do Porto
- Maria da Conceição Pato de Macedo
EB 2,3 de Alfândega da Fé
- Maria da Conceição Pereira Cardoso
EB 2,3 de Boticas
- Maria da Conceição Santos Silva
EBI de Peniche
- Maria da Glória Bento Maia Carvalho
EB 2,3 de Amarante
- Maria da Graça Pereira Reis
EB 2,3 Infante D. Henrique
- Maria da Luz Távora
EB 2,3 António Correia de Oliveira
- Maria de Fátima Albuquerque
EB 2 de Mira
- Maria de Fátima Búzio
Secundária do Entroncamento
- Maria de Fátima Carvalho de Matos
EB 2 Dr. Luciano Justo Ramos
- Maria de Fátima da Conceição Garcia
EB 2,3 Padre Américo
- Maria de Fátima da S. F. Carvalho e Sousa
Agrupamento 470 - Cete do Corpo Nacional de Escutas
- Maria de Fátima de N. S. S. Santos
Instituto D. João V
- Maria de Fátima Ferreira Brandão Coelho
Colégio Andrade Corvo
- Maria de Fátima Garrinho G. Café
EB 2,3 de Campo de Besteiros
- Maria de Fátima Gaspar Figueiredo
EB 2 de Carregal do Sal
- Maria de Fátima Lopes Gonçalves Costa
Secundária de Porto de Mós
- Maria de Fátima Matos da Silva Cruz
EB 2,3 de António José de Almeida
- Maria de Fátima Neves Cordeiro
Secundária José Loureiro Botas
- Maria de La Salette Carvalho M. Duarte
Externato Nossa Senhora do Incenso
- Maria de Lourdes Azevedo Pereira Serra
EB 2,3 Padre Donaciano de Abreu Freire

Maria de Lourdes Silva Alcobia
Secundária Filipa de Vilhena

Maria de Lurdes Araújo Silva
Secundária de Póvoa de Lanhoso

Maria de Lurdes Caetano Pinto
EB 2,3 Dr. Abranches Ferrão

Maria de Lurdes da Cruz Marques
EB 2,3 Gomes Eanes de Azurara

Maria de Lurdes Macedo Neves Fernandes
Secundária Pinhal do Rei

Maria de Lurdes Marques da Cruz Freire
EB 2 Dr. José Santos Bessa

Maria do Carmo Miranda
EB 2,3 de Paços de Brandão

Maria do Céu Pereira Esteves Gonçalves
EB 2,3 Gomes Eanes de Azurara

Maria do Céu Santos Belarmino
EB 2,3 de Ancede

Maria do Rosário Barreto
EB 2,3 Dr. Daniel de Matos

Maria do Rosário Caldeirão
Secundária Artur Gonçalves

Maria do Rosário Ferreira de Almeida
Secundária Nuno Álvares

Maria do Rosário M. P. Filipe
Secundária de Anadia

Maria dos Anjos Gomes Carro Brito
Secundária Padre Alberto Neto

Maria dos Anjos Rodrigues Silva
EB 2,3 de Pinheiro Bemposta

Maria Dulce da Silva Pereira Costa
EB 2,3 de Oliveirinha

Maria Eduarda Cupido
EB 2 de Mira

Maria Elisa Martins Ferreira Inácio
Secundária de Santa Comba Dão

Maria Elisabete Fernandes
EB 2,3 da Pontinha

Maria Elza Tavares Neves Cordeiro
EB 2,3 de Freixo de Espada à Cinta

Maria Elzira A. Padinha Infante
Secundária de Alcains

Maria Emília Gomes Nascimento
 EB 2,3 Dr. Abranches Ferrão
 Maria Estela Campos Branquinho
 EB 2,3 D. Duarte
 Maria Ester P. Ferreira
 EB 1,2,3 de Arouca
 Maria Eunice Marques de Almeida Quintão
 EB 2,3 de Grão Vasco
 Maria Fátima Falcão Bernardo
 CNEFF
 Maria Fernanda Araújo Dias
 EB 2 de Figueiró dos Vinhos
 Maria Fernanda Contins Teixeira
 EB 2,3 Padre Martins Capela
 Maria Fernanda Margalho Craveiro
 Secundária de Tondela
 Maria Fernanda Marques da Silva Marta
 EB 2,3 de Minde
 Maria Fernanda Pinto Cruz Mendes Oliveira
 EB 2,3 de Teixoso
 Maria Filomena Calição Gonçalves Ferreira
 Secundária Madeira Torres
 Maria Filomena Ramos Abreu Maia
 Secundária de Tábua
 Maria Francisca Esquivel de Noronha F. de Andrade
 EB 2,3 D. Maria II
 Maria G. da Cunha Dias Oliveira Martins
 EB 2,3 D. Maria II
 Maria Gabriela Bentes
 EB 2,3 Mestre Domingos Saraiva
 Maria Glória Rego Pereira
 EB 2,3 de Rio Caldo
 Maria Graciete Seabra Carmo Ribeiro
 EB 2,3 de Buarcos
 Maria Helena Monteiro
 EB 2 de Mira
 Maria Helena A. Costa David
 Secundária de Castro Daire
 Maria Helena Pereira Mateus
 EB 1,2 de Marzovelos
 Maria Isabel Gabriel
 EB 2 de Mira

Maria Isabel Ascenso Sousa
 EB 2,3 de Santa Catarina da Serra
 Maria Isabel Calvão Garcia
 Secundária de Vinhais
 Maria Isabel Cosme Ferreira
 Secundária D.Afonso Henriques
 Maria Isabel Cota Cruz Rodrigues Soares
 Secundária Carlos Amarante
 Maria Isabel de Lima Sá dos Reis
 Secundária de Estarreja
 Maria Isabel H. G. Rosa
 EB 2,3 Infante D. Henrique
 Maria Isabel Lopes Melo de Pacheco
 EB 2,3 do Viso
 Maria Joana Cachola Maldito
 Secundária D. Sancho II
 Maria João Catarino Fraga
 EB 2,3 Visconde de Vila Maior
 Maria João Matos Gonçalves São Pedro
 Secundária D. Nuno Álvares Pereira
 Maria José Almeida
 EB 2 Pêro da Covilhã
 Maria José Bento
 EB 2,3 de Vila Nova da Barquinha
 Maria José Tavares
 Secundária de Santa Comba Dão
 Maria José C.B. Mascarenhas Bastos
 EB 2,3 de Buarcos
 Maria José da Conceição D. Peres
 EB 1 de Aldeia das Freiras
 Maria José da Cunha Ribeiro Guimarães
 EB 2,3 D.Afonso Henriques
 Maria José Moreira Marques
 EB 2,3 de Guilherme Stephens
 Maria José Paiva Gomes Oliveira
 EB 2,3 Dr.Azeredo Perdigão
 Maria José Queirós Nicolau
 EB 2,3 Infante D. Henrique
 Maria Judite Brás Fernandes
 EB 2,3 de Campo de Besteiros
 Maria Leonor Cavaca Santos
 Colégio de S.Teotónio

Maria Leonor Costa Dias
EB 2,3 Dr. Azeredo Perdigão

Maria Leontina da Piedade Marques Dinis
Delegação Escolar de Vila Facaia

Maria Licinia Santos
Secundária de Pombal

Maria Licinia Ribeiro Tomaz António
EB 2,3 Pampilhosa do Botão

Maria Lucilia Conchina Pita
Secundária Dr. José Afonso

Maria Lucinda Gouveia Pires
EB 2,3 de Teixoso

Maria Lucinda Ribeiro Mendes
Secundária do Entroncamento

Maria Luisa Barreto
EB 2,3 Dr. Daniel de Matos

Maria Luísa Gaspar do Pranto Lopes de Oliveira
Secundária D. Nuno Álvares Pereira

Maria Luisa Monteiro de Carvalho
EB 2,3 de Oliveira do Hospital

Maria Madalena Ribeiro Carrito
EB 2,3 Dr. Daniel de Matos

Maria Manuel Fidalgo da Silva Teixeira
EB 2,3 Padre Donaciano de Abreu Freire

Maria Manuel Gonçalves Mansilha
Instituto Educativo de Lordemão

Maria Manuel L. Azevedo Gomes
EB 2,3 de Ancede

Maria Manuel Silva Rente Guerra Franco
Secundária D. Sancho II

Maria Manuela Augusta Caldeira Ferrão
EB 2,3 de Azeitão

Maria Manuela Carvalho Silva Vilaverde
Secundária Carlos Amarante

Maria Manuela Dias de Almeida
Secundária Padre Benjamim Salgado

Maria Manuela Maia Alves
Secundária de Mação

Maria Manuela Neves Graça Pereira
EB 2,3 de Pedrogão Grande

Maria Manuela Silva Alves Direiro
Delegação de Coimbra do I.C.N.

- Maria Manuela Simões Luis
Delegação Escolar de Vila Facaia
- Maria Margarida de Bastos Pires
EB 2,3 de Pinheiro Bemposta
- Maria Margarida Ferreira da Silva Pereira
EB 2,3 do Paúl
- Maria Margarida Santos Marques Castilho
EB 2,3 de Valongo do Vouga
- Maria Micaela Canoso
Secundária Nuno Álvares
- Maria Odete Silva
EB 2,3 Dr. Augusto César Pires de Lima
- Maria Ondina Frias Pereira de Almeida
EB 2 de Albergaria-a-Velha
- Maria Ondina Salgado de Oliveira Sousa
EB 2,3 D. Afonso Henriques
- Maria Otilia Gomes Neves
EB 1,2,3 Infante D. Pedro
- Maria Palmira Jesus Adegas Pimentel
EB 2,3 de António José de Almeida
- Maria Paula de Jesus Dias Veigas
Secundária Dr. José Afonso
- Maria Pureza Cortez Dias Cândido da Fonseca
Secundária D. Dinis
- Maria Regina Serrano
Secundária Manuel Teixeira Gomes
- Maria Rogéria Rodrigues Lopes Catré
EB 2,3 Pampilhosa do Botão
- Maria Silvia Portela Ferreira da Silva
EB 2,3 do Viso
- Maria Teodora Paulino Serrão Caldeira
EB 2,3 de Coruche
- Maria Teresa Cabrita
Secundária Manuel Teixeira Gomes
- Maria Teresa Meneses
EB 2 de Mira
- Maria Teresa Rodrigues
EB 2,3 de S. João da Ponte
- Maria Teresa Correia Machado Malta
Secundária D. Duarte
- Maria Teresa de Almeida Saraiva
Secundária D. Dinis

Maria Teresa Oliveira Gomes Pedro L. de Carvalho

EB 2,3 de Azeitão

Maria Teresa Pires Alexandre

EB 2 D. Luís de Mendonça Furtado

Maria Teresa Silva Matos

EB 2,3 Dr. Augusto César Pires de Lima

Maria Virginia Lourenço da C.V. Palhares

EB 2,3 Dr. António de Sousa Agostinho

Maria Zilda Sousa Dias Ferreira Mota

EB 2 de Resende

Maria Ziza Braga

EB 2,3 de Cabreiros

Marília Silva Lourenço Seabra

Secundária de Tábua

Marina Isabel Brun Lopes Prieto Santos

Secundária do Cartaxo

Mário Mendes

Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral

Mário Oliveira

Direcção Regional do Ambiente

Mário Carlos Rodrigues

Secundária nº 3 da Covilhã

Mário Silva Filipe

EB 2,3 de S. Martinho do Porto

Marta Cristina Pereira Vida

Secundária Padre Benjamim Salgado

Marta Helena de Oliveira Fachada

EB 2 Dr. José Santos Bessa

Marta Maria Pichel Gomes de Silva

EB 2,3 Mestre Domingos Saraiva

Marta Nogueira da Costa

EB 2,3 da Pedrulha

Matilde Maria Carvalho Costa

EB 2,3 de São Pedro d'Alva

Miguel Angelo Abreu Lopes de Oliveira

Secundária D. Nuno Álvares Pereira

Miguel do Carmo Almeida

Secundária D. Inês de Castro

Miguel Jorge Miranda Pedro

EB 2,3 de Samar

Natália Maria Rodrigues Marques Vieira

EB 2,3 Padre Donaciano de Abreu Freire

Natércia Ascensão Mateus dos Santos
 EB 2,3 de Oliveirinha
 Nélia Maria Viana Guarda
 EB 2,3 Maceira Lis
 Nelson Julio da Silva Teixeira Gomes
 EB 2,3 Dr. Augusto César Pires de Lima
 Noémia Fernandes Silva
 EB 2 de Ilhavo
 Nuno Brandão

 Nuno Ferreira
 Secundária de Camilo Castelo Branco
 Nuno Filipe Calão
 EB 2,3 Prof. José Buisel
 Nuno Manuel Lanita Marques
 EB 2 de Mira
 Nuno Manuel Rodrigues Santos
 Secundária D. Nuno Álvares Pereira
 Octávio Manuel Cardoso Leitão
 EB 2 Dr. José Santos Bessa
 Odett Lopes
 EB 2,3 de Aradas
 Olga Maria Gonçalves Mendes Santos
 EBI do Centro de Portugal
 Olinda Maria Cordeiro Duarte Silvestre
 Secundária Madeira Torres
 Orlando Vitor Gonçalves Martins
 EB 2,3 José dos Anjos
 Paula Alexandra de Lemos Duarte
 EB 2,3 Maceira Lis
 Paula Alexandra Lopes Dias
 EB 2,3 de Gualdim Pais
 Paula Cristina da Costa Santos
 Secundária de Pombal
 Paula Cristina Fernandes Domingos Grilo
 Secundária D. Sancho II
 Paula Fernanda Pires
 EB 2,3 de Baião
 Paula Maria Fonseca
 Secundária Latino Coelho
 Paula Maria Flores Ferreira Cláudio
 EB 2,3 Dr. Correia Alexandre

Paula Maria Lemos Bessa
Profissional Agrícola de Fermil Basto

Paulo Santos
Instituto Educativo de Lordemão

Paulo Alexandre Pinhal
EB 2,3 da Gafanha da Encarnação

Paulo Alexandre da Rocha Almeida
Secundária de Vila Nova de Paiva

Paulo Jorge Esteves Lopes
Secundária de Satão

Paulo José F. Silva Moraes
Secundária nº 3 da Covilhã

Paulo Nuno H. M. Raimundo
EB 2,3 de Ancede

Pedro António Vaz Cardoso
Secundária de Tábua

Pedro Jorge da Costa Caetano
Secundária José Falcão

Pedro Miguel da Silva Andrez
Secundária José Falcão

Ramiro Daniel Pedrosa Viegas
EBI de Peniche

Regina Maria de Matos Simão L.V. Pires
EB 2,3 da Pedrulha

Regina Maria Pires Carapito Conceição
Secundária Campos de Melo

Ricardo de Magalhães
Secretário de Estado dos Recursos Naturais

Rita Vicente
EB 2,3 Maceira Lis

Rita Goulão de Mendonça e Silva
EB 2,3 de S.Vicente da Beira

Rita Margarida Crisóstomo Silva
Secundária de Tábua

Rodrigo Alberto Jesus Silveira
EB 2,3 Padre Américo

Rogério Marques Figueiredo
Secundária de Gouveia

Rosa Catarina R. dos Reis
EB 1,2,3 de Arouca

Rosa de Lurdes Alves
EB 2,3 de Silvares

Rosa Lourdes Lourenço de Matos Oliveira
Secundária de Mação

Rosa Maria Santos
EB 2 de Vouzela

Rosa Maria Ferreira Tomé Costa
EB 2,3 de Ceira

Rosa Maria Flor Ferreira Veiga
EB 2,3 da Pedrulha

Rosa Maria Garcia Basto
EB 2,3 do Marão - Várzea

Rosa Maria Moreira Andrade
EB 2,3 de Ancede

Rosalia Maria Amaro Machado Cêa
EB 2,3 do Viso

Rosalina Maria Cardoso Favas Barros
Secundária do Entroncamento

Rui Barroso
EB 2,3 Dr. Francisco Sanches

Rui Adérito Carvalho Valente
Secundária de Fafe

Rui Carlos Moura Cruz
EB 1,2,3 Infante D. Pedro

Rui Jorge do Vale Santos Vicente
EB 2,3 Prof. Dr. Egas Moniz

Rui Manuel Fonseca Crespo
EB 2,3 da Pedrulha

Rui Sérgio Nunes Rego
EB 2,3 de Campo de Besteiros

Sandra Isabel Oliveira Fachada Correia
Secundária de Tábua

Sandra Isabel Rosinha Machado
Secundária Pinhal do Rei

Sandra Maria Costa Teixeira
EB 2,3 de Mota

Sara Alexandra da Silva Moreira
EB 2,3 do Marão - Várzea

Sérgio Armando Salgado
Secundária de Carvalhais

Silvia Maria Quitério Portugal
EB 2,3 de António José de Almeida

Silvina Maria Silva Maia
EB 2,3 de Sever do Vouga

Simão Luis Pechirra Velez
EB 2,3 D. João IV

Sofia Cláudia do Souto
EB 2,3 de Celeirós

Sofia Margarida Pina Guerra Mendes
EB 2,3 de S. Domingos

Sónia Alexandra Veríssimo Marques
EB 2,3 de Ourique

Sónia Cristina Jacinto Silva
Secundária de Vinhais

Sonia Cristina Nunes Alves
EB 2,3 de Celeirós

Sónia Cristina Pereira Oliveira
Secundária de Sátão

Steven Manuel Batista Casteleiro
EB 2,3 da Pedrulha

Susana Maria Silva Nascimento
Secundária D. Inês de Castro

Suzana Cruz Viegas dos Santos Oliveira
EB 2 de Albergaria-a-Velha

Suzete Fernandes Folgado
EB 2,3 Prof. José Buisel

Teresa Coutinho
Secundária Frei Gonçalo Azevedo

Teresa Margarida Vieira Matias S. Salgueiro
Secundária José Loureiro Botas

Teresa Maria Taborda
Secundária Artur Gonçalves

Teresa Paula Figueiredo Nunes
Secundária de Oliveira do Hospital

Umbelina Maria Machado da Costa
EB 2,3 de Samar

Vera Cláudia A. Teixeira Silva
EB 1,2,3 de Arouca

Víctor Manuel G. Figueiredo Azenha
EB 2,3 de Buarcos

Virginia Chaves Caiado M. Sousa
EB 1,2 de Marzovelos

Virginia Maria Pinheiro Gomes
EB 2,3 de Rio Caldo

Virginia Mónica Carneiro da Rocha Rebelo
Secundária de Vinhais

Vitor Ferreira

EB 2.3 Maceira Lis

Vitor José Ramos Xavier Pires

EB 2.3 Dr. Daniel de Matos

Vitor Manuel Monteiro

Secundária Emídio Navarro

Vitor Prada Pereira

Delegação Distrital de Protecção Civil de Bragança

Walter Gomes

Querqus

Werner Ebert

Embaixada da Alemanha

Zélia Maria Oliveira Matos Filipe

Secundária de Oliveira do Hospital